

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO – FACE
CURSO PEDAGOGIA – FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA AS SÉRIES
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL – PROJETO PROFESSOR NOTA 10**

**MARIA DAS DÔRES CUNHA ÁVILA – RA 4035359/2
ONEIDA DE MARCOS R. M. MATTOS – RA 4035456/7
SANDRA BRUNA DE F. RODRIGUES – RA 4035505/6
SELMA CRISTINA BERNARDES – RA 4035513/3**

O PAPEL DOS CONTOS DE FADAS NA EDUCAÇÃO DA CRIANÇA

Brasília, 1º Semestre de 2006

MARIA DAS DÔRES CUNHA ÁVILA – RA 4035359/2
ONEIDA DE MARCOS R. M. MATTOS – RA 4035456/7
SANDRA BRUNA DE F. RODRIGUES – RA 4035505/6
SELMA CRISTINA BERNARDES – RA 4035513/3

O PAPEL DOS CONTOS DE FADAS NA EDUCAÇÃO DA CRIANÇA

**Trabalho apresentado ao Centro
Universitário de Brasília-UniCEUB
como parte as exigências para
conclusão do Curso de Pedagogia –
Formação de Professores para as
Séries Iniciais do Ensino Fundamental
– Projeto Professor Nota 10.**

**Orientadora: Prof^a Mestre Vitorina
Angélica Montelo Zinato**

Brasília, 1º Semestre de 2006

Dedico a todos aqueles que acreditam na
magia dos contos de fadas.

Agradecemos a toda equipe da Escola Classe 27 de Taguatinga, que empenhou-se na aprovação e implementação do projeto “Quem Conta um Conto, Aumenta um Ponto”, principal fonte de dados da pesquisa-ação desenvolvida pelos componentes desta monografia.

“O conto de fadas é um estímulo encorajador na luta da vida, em que se valoriza os princípios éticos na relação com o outro: o mal é denunciado e o bem é valorizado”.

(Isabel M^a do Carvalho Vieira)

RESUMO

A presente pesquisa trata do “Papel dos Contos de fadas na Educação da Criança” e tem-se como objetivo central investigar como tem sido utilizado os contos de fadas, compreendendo qual a influência dos mesmos no desenvolvimento intelectual e emocional das crianças nas séries iniciais do ensino fundamental. Para tanto, lançou-se mão da metodologia da pesquisa-ação onde relacionou-se a teoria estudada às informações obtidas por meio de entrevistas individuais e episódicas, observação participante registrada em um diário de campo, análise de fotografias realizadas em uma Escola Classe de Taguatinga-DF, por intermédio do projeto: “Quem Conta um Conto, Aumenta um Ponto” e teve como participantes o grupo de 25 (vinte e cinco) turmas de alunos de Educação Infantil (06 anos) à 4ª série do Ensino Fundamental e seus respectivos professores e a contadora de histórias que é uma das professoras pesquisadoras. Os resultados obtidos foram de acordo com a realidade que se conhece mesmo: professores usam os contos de fadas no seu cotidiano e conhecem sua importância, mas não exploram na sua potencialidade. Em fim, conclui-se que deve-se contar história porque elas desenvolvem habilidades cognitivas, afetivas, psicossocial, favorecendo suas relações intra-pessoal e inter-pessoal.

Palavras-chave: Fantasia da criança. Papel dos contos de fadas nas séries iniciais. Criatividade e inventividade.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
1.1. JUSTIFICATIVA.....	8
1.2. DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA.....	9
1.3. OBJETIVOS.....	10
1.3.1. Objetivo Geral.....	10
1.3.2 .Objetivos Específicos.....	10
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
2.1. ORIGEM DOS CONTOS DE FADAS.....	11
2.2. ESTRUTURA BÁSICA DOS CONTOS DE FADAS.....	13
2.3. SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE MITO, CONTOS DE FADAS E A PRESENÇA DA FANTASIA.....	15
2.4. A INFLUÊNCIA DOS CONTOS DE FADAS NA FORMAÇÃO INFANTIL.....	18
2.5. OS CONTOS DE FADAS E O IMAGINÁRIO INFANTIL.....	24
2.6. OS CONTOS DE FADAS E A EDUCAÇÃO.....	25
3. METODOLOGIA.....	29
3.1. ORIENTAÇÃO METODOLÓGICA E O TIPO DE PESQUISA UTILIZADO.....	29
3.2. PARTICIPANTES E CENÁRIOS DE PESQUISAS.....	32
3.3. ESPECIFICAÇÃO DAS FASES DA PESQUISA.....	33
3.4. INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS.....	34
3.5. CATEGORIAS, ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	37
3.5.1. Especificação das Categorias Escolhidas.....	37
3.5.2. Organização, análise e discussão dos dados.....	38
3.5.2.1. Resultados Obtidos por Meio de Entrevistas Individual e Episódica.....	38
3.5.2.2. Resultados Obtidos por Meio das Fotografias da “Hora do Conto”.....	47
3.5.2.3. Resultados Obtidos por Meio da Observação Participante.....	53

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES.....	56
REFERÊNCIAS.....	58
APÊNDICE.....	60

1. INTRODUÇÃO

1.1. JUSTIFICATIVA

Falar sobre o papel dos contos de fadas na educação da criança é algo, sem dúvida, mágico, e entender o impacto destas histórias no desenvolvimento acadêmico e do imaginário infantil torna essa pesquisa um instrumento importante na oferta de melhores condições educacionais para as mesmas.

É fascinante e encantadora as histórias maravilhosas das fadas, duendes e bruxas, mas a banalização destas narrativas por muitos educadores atuais dão margem a preocupantes questionamentos, dentro dos quais encontra-se um eixo comum, que é o da relação do professor com o desconhecimento da contribuição dos contos de fadas para o desenvolvimento da criança.

Tendo como meta elucidar o papel destas narrativas ao professor, procurou-se investigar como tem sido utilizado este gênero literário e quais são suas influências na trajetória do infante.

Desta forma, traçou-se um caminho teórico que contemplou desde as origens, estrutura, semelhanças e diferenças entre mito e os contos de fadas, influências dos mesmos na formação infantil e sua presença no imaginário até seu poder de provocar mudanças de comportamento na área sentimental e acadêmica, tendo como meta comprovar tal valor através de rigorosa pesquisa-ação.

Contar histórias, desde antigamente é um valioso meio de transmissão de conhecimentos e valores humanos. Apesar de simples, tal atividade desperta muita discussão em torno de sua validade, pois a narrativa de contos de fadas para criança pode representar apenas uma rotina banal ou um momento de excepcional importância na educação das crianças.

Há possibilidades dos contos de fadas serem valiosos na educação das crianças ou não, pois, tem-se contos que contribuem positivamente ou de forma negativa na formação e desenvolvimento do psiquismo humano.

Assim, acredita-se na validade da narrativa dos contos de fadas para as crianças, como papel positivo na construção do imaginário infantil contribuindo no

despertar da fantasia, além de se trabalhar os sentimentos de perda, alegrias, valores e na construção da moralidade, da intelectualidade e imitação.

Entender o impacto destas histórias, torna essa pesquisa um instrumento importante na oferta de melhores condições para as crianças da séries iniciais do ensino fundamental crescerem e amadurecerem por meio da narrativa e da reflexão dos contos de fadas, como bem salienta Vieira (2005, p. 8) que “se a criança pode aprender por meio deles, a identificar e a reconhecer nos outros e em si mesma, pensamentos e sentimentos que ajudam e atrapalham sua relação consigo mesmo e com os outros”.

1.2. DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA

As acadêmicas, atuando como professoras de séries iniciais do ensino fundamental, variando de 3 a 25 anos na rede pública e privada de escolas com realidades diferenciadas, motivadas pelo fascínio que os contos de fadas exercem sobre as crianças e a banalização destas narrativas por muitos educadores atuais foram levadas aos seguintes questionamentos:

- Será que os professores dessas séries têm-se utilizado dos contos de fadas no seu cotidiano escolar? E em caso positivo, que tipos de contos são comumente utilizados?
- Qual tem sido a contribuição da narrativa de contos de fadas para essas crianças?
- Como tem sido o desempenho dos professores na utilização dos contos de fadas na construção do imaginário infantil e sua relação com a formação educacional

1.3. OBJETIVOS

1.3.1. Objetivo Geral

- Investigar como tem sido utilizado os contos de fadas e compreender qual a influência dos mesmos no desenvolvimento intelectual e emocional das crianças nas séries iniciais do ensino fundamental de 04 (quatro) escolas da rede pública do DF.

1.3.2. Objetivos Específicos

- Traçar um paralelo entre os contos de fadas e a vida humana;
- Analisar a influência das mensagens que os contos de fadas transmitem ao imaginário infantil e seus reflexos acadêmicos;
- Identificar os aspectos positivos e negativos da narrativa dos contos de fadas nas séries iniciais do ensino fundamental das escolas pesquisadas;
- Analisar a contribuição de histórias tão antigas no contexto escolar das séries iniciais do ensino fundamental nas escolas pesquisadas.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica dessa pesquisa se concentrou no desenvolvimento dos tópicos a seguir:

- 2.1. Origem dos contos de fadas
- 2.2. Estrutura básica dos contos de fadas
- 2.3. Semelhanças e diferenças entre mito e contos de fadas e a presença da fantasia
- 2.4. Influência dos contos de fadas na formação infantil
- 2.5. Os contos de fadas e o imaginário infantil
- 2.6. Os contos de fadas e a educação

2.1. ORIGEM DOS CONTOS DE FADAS

O impulso de contar histórias nasceu provavelmente no homem, no momento em que ele sentiu necessidade de comunicar aos outros alguma experiência sua, que poderia ter significação para todos.

A trajetória dos contos de fadas segue este mesmo caminho. “Na Europa, nas antigas civilizações, os contos de fadas constituíam uma forma de entretenimento, tanto para crianças como para adultos, contados principalmente entre as comunidades agrícolas, na época do inverno”. (CARVALHO, 1985, p. 57).

Segundo o autor citado anteriormente, na Grécia clássica encontra-se em Platão a observação de que “as mulheres contavam às suas crianças estórias simbólicas”, deixando assim, pistas de que os contos de fadas estão presentes entre as pessoas há milhares de anos.

Neste mundo maravilhoso, de estórias mágicas, seres sobrenaturais e vários encantamentos, procura-se elucidar a origem e significado de palavras chaves, que compõe o conceito de contos de fadas.

Fada é uma delas, pois, “de origem pagã, as fadas devem ter sido inspiração mitológica das vestais, musas e ninfas” (CARVALHO, 1985, p. 60).

Conforme esse mesmo autor que fez alusão às fadas foi Pompônio Mela, geógrafo do século I de nossa era, povoando uma ilha de nove virgens com poderes sobrenaturais. Conforme Fernandes (2003, p. 35), verifica-se que esta palavra vem do latim Fata (pl. de n. de Fatu): fado, predição, destino, entidade imaginária feminina, a quem se atribuem poderes mágicos.

Em oposição as fadas, destaca-se a segunda palavra chave bruxa, que vem do latim bruchu (origem hipotética) ou simplesmente bruxa, (origem hipotética) que significa mulher que faz bruxarias, feiticeira, mulher má.

A bruxa é o símbolo da maldade humana. Esta duas personagens, tão presentes nos contos de fadas são as representações simbólicas do bem e do mal.

Entre as personagens mágicas encontra-se também as personagens místicas dos Magos e Mágicos de origem oriental, entretanto é interessante destacar que no mundo maravilhoso dos contos de fadas todos os seres, animados ou inanimados, estão sob as leis do encantamento e da magia.

Assim, Fernandes (2003) ressalta que as histórias contadas por Perrault com estes seres encantados, eram repetidas e transmitidas oralmente. Os contos de fadas constituíam o folclore e pertenciam a todos até que, por intermédio deste autor, foram registradas e deram início a literatura infantil, isto tudo no século XVII.

Pois o escritor francês Perrault fez de sua nação, reinado da fantasia e ele, seria, o mago do reino. Lá surgiu os primeiros contos de fadas registrados em *Histoires et Contes du Temps Passé Avec des Moralités*, ou *Contes de na mère L'Oye* (Contos de Mamãe Gansa) em 1697.

Já no século XVIII, de grandes revoluções: a Industrial e a Francesa, os contos de fadas enfrentavam um período de verdadeiro ostracismo. Os valores haviam se tornado racionais e pragmáticos, tudo muito incompatível com a fantasia.

Nesse século, a literatura foi mais endereçada ao adolescente.

Os contos de fadas reagem quando a Alemanha devolve a criança, através dos irmãos Grimm, a magia das fadas.

O século XIX vem reabilitar a fantasia e reflorescer os contos de fadas, “e são os irmãos Grimm que, animados pelo espírito romântico, vão buscar as sua estórias, vivas, na pureza e na simplicidade das fontes folclóricas, e revaloriza os contos maravilhosos, com a mesma dimensão que alcançaram no século XVII”. (CARVALHO, 1985, p. 104).

Em 1812, os irmãos Grimm fazem renascer através de seus contos infantis e caseiros o encantamento da cultura popular, entretanto não se deve esquecer de que, já na segunda metade do século XVII em “Contos Populares Alemães” de Musäus, esta volta já estava sendo anunciada.

Surge logo após outro grande nome da literatura infantil e do contos de fada, é Hans Christian Andersen.

Andersen nasceu na Dinamarca, numa ilha chamada Fiônica, em Odense, em 02 de abril de 1805. Sua vida foi sofrida e com certeza daria fundamentos para em belo contos de fadas.

Sua primeira obra foi uma coleção de “Histórias Maravilhosas” e a primeira composição poética foi “O menino Moribundo” (1827). Acredita-se que muitas de suas histórias buscam inspirações em seus próprios sofrimentos, uma delas seria “O Patinho Feio”.

É importante ressaltar o quanto é presente em suas obras o sentimento humano e seus sofrimentos. Estas características ao escrever tornam Andersen muito mais que um simples registrador, e sim um autêntico intérprete.

Portanto, é com grande mérito que se destacam Perrault, os irmãos Grimm e Andersen precursores dos contos de fadas, que se fazem sonhar até os dias de hoje, povoando o imaginário de milhares de crianças e de muitos adultos.

2.2. ESTRUTURA BÁSICA DOS CONTOS DE FADAS

O Conto de Fada é uma narrativa simples que geralmente segue um enredo básico que “expressa os obstáculos, ou provas, que precisam ser vencidas, como um verdadeiro ritual iniciático, para que o herói alcance sua auto-realização existencial, seja pelo encontro de seu verdadeiro “eu”, seja pelo encontro da princesa, que encarna o ideal a ser alcançado”. (OLIVEIRA, 2005, p. 2).

Ressalta-se que os Contos de Fadas seguem uma estrutura básica que é composta de: início, ruptura, confronto e superação de obstáculos e perigos, restauração e desfecho.

Segundo Oliveira (p. 2), no início, aparece o herói (ou heroína) e sua dificuldade ou restrição. Também identificamos os problemas vinculados à realidade, como estados de carência, penúria, conflitos, que desequilibram a tranquilidade.

Logo em seguida, acontece a ruptura, que é quando o herói se desliga de sua vida concreta, sai da proteção e mergulha no completo desconhecido.

Vem então, o confronto e superação de obstáculos e perigos, a busca de soluções no plano da fantasia com a introdução de elementos imaginários.

Outro ponto é a restauração, que é o início do processo de descobrir o novo, possibilidades, potencialidades e polaridades opostas.

Finalmente encontra-se o desfecho, que é a volta a realidade, a união de opostos, o florescimento, a colheita e transcendência .

Esta estrutura básica “ em sua maioria, possui príncipes e princesas, reis e rainhas, castelos, bruxas, madrastas, anões, gigantes e heróis que enfrentam perigos, magia e encantamentos”. (BORTOLIN, 2005).

Bortolin ainda salienta que é constante nos Contos de Fadas a transformação dos seres e das coisas, o uso de talismãs e objetos mágicos (lâmpadas, varinhas...), valores humanistas, morais, éticos (bem versus mal), etc.

Já Carvalho (1985, p. 56) disserta sobre a estrutura dos contos de forma geral, enquadrando os “de Fada” na mesma compreensão. Diz a autora que o conto deve ser uma seqüência plana, horizontal, sem altos e baixos, sem saltos e hiatos, entre uma ação e outra.

Assim Carvalho (1985, p. 56 - 57) complementa explicando que:

A linguagem deve ser simples, mas correta, com ação, movimento e colorido, o espaço, indeterminado, ageográfico, extra-espacial: num “lugar” ou num “país” muito distante...(reticência do autor), o tempo, indefinido, extra-temporal: “há muito, muito tempo...”(reticência do autor), **o meio, a fantasia, fluindo das** situações, a trama ou enredo ou conteúdo, em forma de biografia explicando os fatos que merecem realce, devem ser repetidos: os sentimentos nobres, os feitos, as ações, o caráter do herói, dramaticidade e realismo estético, com desfecho satisfatório.

Na essência, os Contos de Fadas “são expressões simples do nosso mundo psicológico profundo. De estrutura mais simples que as lendas, mais de conteúdo muito mais rico que o mero teor moral encontrado nas fábulas”. (URBAN, 2001).

Compreende-se ainda, segundo Vieira (2005, p. 9), que todo Conto de Fadas constitui-se como uma “saga de herói”. No desenvolvimento da história, vai-se delineando a luta do herói que não se apresenta, inicialmente, como uma proposta em que todos os elementos da situação lhe estão naturalmente

apresentados, ao contrário, no decurso da sua própria ação ele tem de descobrir os elementos que lhe faltam para compreender o processo em que está inserido e, assim, poder construir situações novas que possam vir a lhe favorecer na luta pelos seus objetivos.

Nessa luta vão sempre aparecer dificuldades extraordinárias que exigirão muita disposição e astúcia para ser contornadas e vencidas – esta é a saga do herói, de cada uma de nós, que, ao final, deveria ser culminada pela possibilidade de vencer todas as dificuldades. (VIEIRA, 2005, p. 9)

Cada uma destas histórias, neste sentido, é um estímulo encorajador na luta da vida, em que os valores éticos são praticados na relação de interação com o outro. O mal é denunciado e o personagem castigado, o bem é valorizado e o personagem do bem premiado.

Enfim, é importante ponderar que estas narrativas, extrapolam suas estruturas básicas, encerrando em suas histórias lições de vida, sentimentos amplos e valores essenciais para a formação dos futuros cidadãos leitores e criadores.

2.3. SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE MITO, CONTOS DE FADAS E A PRESENÇA DA FANTASIA

Os mitos e as histórias de fadas têm muito em comum. Existem traços que os aproximam de forma sutil, deixando que apenas leves variáveis os diferenciem.

Isto acontece com um eixo comum entre eles, o herói da cultura, que nos mitos, muito mais do que nas histórias de fadas, aproxima-se ao ouvinte como uma figura com a qual deve rivalizar na sua própria vida, tanto quanto possível.

“Um mito, como uma história de fadas, pode expressar um conflito interno de forma simbólica e sugerir como pode ser resolvido – mas esta não é necessariamente a preocupação central do mito”. (BETTELHEIM, 1980, p. 34).

No mito, seu tema é apresentado de forma suntuosa, transmite uma força espiritual, o divino está presente e é representado pelos heróis sobre humanos que fazem solicitações constantes aos simples mortais, que nunca passarão de sua condição inferior a deles.

Nos contos de fadas também existe a personificação e ilustração de conflitos internos, mas sempre é sugerido que os mesmos podem ser solucionados e que se pode transpor barreiras em direção a uma humanidade mais elevada.

Ou seja, tanto no mito quanto nos contos de fadas, a linguagem utilizada é a simbólica, há um conteúdo inconsciente a ser representado.

Seu apelo é simultâneo à nossa mente consciente e inconsciente, a todos os seus três aspectos – id, ego e superego – e a nossa necessidade de ideais de ego também. Por isso é muito eficaz, e no conteúdo dos contos, os fenômenos internos psicológicos recebem corpo em forma simbólica. (BETTELHEIM, 1980, p. 47).

Paralelo a estas semelhanças, entre mito e contos de fadas, encontra-se algumas diferenças, apesar de figuras semelhantes e situações parecidas em ambos, existem diferenças como são comunicados e esta é de crucial importância.

No mito, o sentimento dominante é absolutamente singular, não poderia acontecer com nenhuma outra pessoa, os acontecimentos são grandiosos, inspiram admiração e não poderiam possivelmente acontecer a nenhum mortal comum como nós.

Já nos contos de fadas as situações, por mais que sejam fatos inusitados e improváveis, são apresentadas como comuns, algo que poderia acontecer conosco. Mesmo os mais incríveis encontros são relatados de maneira casual e cotidiana.

Outra diferença entre os mitos e os contos de fadas é o final, no primeiro a ser citado o desfecho é quase sempre trágico, enquanto no segundo é sempre feliz.

O mito é pessimista enquanto os contos de fadas são otimistas, mesmo que algumas passagens sejam terrivelmente sérias.

“Os mitos tipicamente envolvem solicitações do superego em conflito com uma ação motivada pelo id, e com os desejos auto-preservadores do ego”. (BETTELHEIM, 1980, p. 48).

Por mais que se tente, não se pode viver integralmente de acordo com o superego, como pregado pelos mitos e seus deuses. Um mito não é um conto de advertência como uma fábula, que despertando ansiedade impede-nos de agir segundo formas que são descritas danificantes para nós.

Esta luta psicológica, que é travada dentro de cada ser, quando pequeninos é pouco compreendida, e os contos de fadas oferecem materiais de fantasia que sugerem as crianças, sob forma simbólica, o significado de toda batalha para conseguir uma auto-realização, garantindo-nos assim um final feliz.

Segundo Bettelheim (1980),

Os heróis míticos oferecem excelentes imagens para o desenvolvimento do superego, mas são tão exigentes que desencorajam a criança a adquirir uma integração da personalidade, já nos contos de fadas, as crises psicossociais são projetadas e simbolicamente representadas por fadas, bruxas, animais ferozes ou figuras de inteligência e astúcia sobre-humanas, mas a humanidade do herói é preservada na lembrança de que ele terá que morrer como qualquer um de nós.

Embora os contos de fadas ofereçam imagens simbólicas fantásticas para a solução de problemas, a problemática apresentada é comum, ela fala de cada homem, pessoas muito parecidas entre si.

Os mitos projetam uma personalidade ideal agindo na base das experiências do superego, enquanto os contos de fadas descrevem uma integração do ego que permite uma satisfação apropriado dos desejos do id. Esta diferença responde pelo contraste entre o pessimismo penetrante dos mitos e o otimismo essencial dos contos de fadas. (BETTELHEIM, 1980, p. 52).

Como importante aliado dos contos de fadas, encontra-se a fantasia. A mente da criancinha contém um conjunto de impressões, alguns aspectos da realidade são vistos corretamente, já outros são completamente dominados pela fantasia.

Os contos de fadas age da mesma forma da mente da criança, dando-lhe pistas para ordenar toda a fantasia e voltar a realidade sem ser enfraquecida ou derrotada, ela mostra como uma clareza superior pode emergir de toda a fantasia.

Geralmente a história nos contos de fadas começa com uma situação real, mas um tanto problemática, uma mãe dizendo à sua filha para ir sozinha visitar a avó (Chapeuzinho Vermelho), os problemas que um casal pobre está tendo para alimentar suas crianças (João e Maria), para assim a criança se defrontar com os problemas e situações que lhe causam perplexidade, sendo estimulada a compreender e buscar soluções para os problemas, vivenciando por meio da fantasia sentimentos comuns a todos.

Os contos de fadas funcionam como instrumentos para a descoberta desses sentimentos dentro da criança (ou até mesmo de adultos), pois os mesmos são capazes de nos envolver em seu enredo, de nos instigar a mente e comover-nos com a sorte de seus personagens.

E a fantasia é o veículo de toda esta tempestade emocional, em busca de soluções para os conflitos apresentados nas histórias.

A fantasia facilita a compreensão das crianças, pois se aproxima mais da maneira como vêem o mundo, já que ainda são incapazes de compreender respostas realistas.

Ainda, de acordo com Bettelheim (1980, p. 13):

Para que uma história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação, ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras as suas emoções, estar harmonizadas com as suas ansiedades e aspirações, reconhecer plenamente suas dificuldades e ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que as perturbam.

Enfim, pode-se resumir ressaltando que deve-se de uma só vez relacionar-se com todos os aspectos da personalidade da criança e isso sem nunca menosprezá-la, buscando dar inteiro crédito a seus predicamentos e simultaneamente promover a confiança nela mesma e no seu futuro.

Assim, pode-se finalmente ponderar sobre a definição apresentado por Scottini (1998, p. 205) do termo fantasia: “capacidade de imaginar, criar imagem e fatos [...]” (reticências do autor). Cabe a nós refletir e deixar o significado do termo fantasia transbordar as linhas desta dissertação, chegando finalmente ao que é de fato, um momento mágico que, ao ser permitido o exercício, nos leva a surpreendentes recantos de nosso imaginário.

2.4. A INFLUÊNCIA DOS CONTOS DE FADAS NA FORMAÇÃO INFANTIL

Na atualidade vive-se um tempo em que o computador reina entre crianças e adultos, entretanto, mesmo nesta era, os contos de fadas não perderam sua magia.

O mundo encantado dos contos de fadas ajuda as crianças a lidar com os temores do mundo real, pois elas projetam seus receios e desejos nos personagens e incidentes das histórias.

Esta é exatamente a mensagem que os contos de fadas transmitem à criança de forma múltipla: que uma luta contra dificuldades graves na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana, mas que se a pessoa não se intimida mais se defronta de modo firme com as opressões inesperadas e muitas vezes injustas, ela dominará todos os obstáculos e, ao fim, emergirá vitoriosa. (BETTELHEIM, 1980, p. 14).

Conflitos internos importantes, inerentes ao ser humano, como a inevitabilidade da morte, o bem e o mal, a inveja, são tratados nos contos de fadas de modo a oferecer desfechos otimistas.

Desta forma, oferece à criança uma referência para elaborar os terríveis elementos ansiógenos que habitam seu imaginário, como seus medos, desejos, amores e ódios, etc., que na sua imatura perspectiva concreta apresentam-se amedrontadores e insolúveis. (TANOUYE, 2005, p. 1).

É como se os contos de fadas oferecessem um palco para que as crianças pudessem representar seus conflitos interiores.

Cashdan (2000, p. 31) diz que quando as crianças ouvem um conto de fada, projetam inconscientemente partes delas mesmas em vários personagens da história, usando-os para elementos contraditórios do eu.

Esse aprendizado é captado pela criança de uma forma intuitiva (por estarem os elementos sempre carregados de simbolismo), tornando-se muito mais abrangente do que seria possível se fosse feito pela compreensão meramente intelectual.

Inúmeros são os significados aos contos de fadas. Por que João e o Pé de Feijão, Branca de Neve e Cinderela têm um apelo tão grande? Não podemos deixar de lado que, os contos de fadas são fontes incomparáveis de aventura, mas o que há por trás do mero entretenimento? Sabemos que além de aventuras mágicas, os contos de fadas ajudam as crianças a lidarem com as lutas internas que são parte de sua vida diária, de que forma?

Existem estudiosos que atribuem as lutas ocorridas nos contos de fadas, uma ordem basicamente sexual, estes são seguidores de Sigmund Freud. Segundo

Cashdan (2000, p. 26), Bettelheim sugere que os contos de fadas psicosexuais escondidos são a força motriz de um grande número de contos de fadas, desde Chapeuzinho Vermelho até Rumpelstiltskin.

Compreende-se que as crianças são seres sexuais, e que alguns contos de fadas possam despertar desejos sexuais, mas o sexo está longe de ser a preocupação mais urgente na vida das crianças muito pequenas. Elas se preocupam com sua posição na família, e em saber se são tão amadas quanto seus irmãos e irmãs, se poderão ser abandonados em função de algo que venham a dizer ou fazer, e isto tem pouco a ver com sexo como figura central de suas vidas.

De acordo com Cashdan (2000, p. 26) os contos de fadas espelham as lutas que as crianças vivenciam contra as forças do eu-forças, essas que enfraquecem sua capacidade de estabelecer e sustentar relacionamentos significativos.

“ Dentro dessa perspectiva, João e Maria, por exemplo, parece tocar em questões milenares que tem a ver com a gula”. (CASHDAN, 2000, p. 28).

Nesta mesma página (28), Cashdan (2000) relata que mesmo depois que João e sua irmã descem à casa da bruxa e comem seu recheio, continuam a comer vorazmente o que sobrou do chalé: “João, que gostou do sabor do telhado, pegou um grande pedaço dele, e Maria pegou a folha inteira da janela de açúcar”. Um dos grandes desafios da infância é saber a hora de parar.

Já em Branca de Neve, pode-se destacar como grande eixo central a vaidade. A história mostra o que acontece quando as preocupações com a aparência interferem em questões mais importantes. “Não é só a rainha diabólica que se preocupa com sua aparência, Branca de Neve quase perde a vida ao desafiar as belas fitas de cabelo que a madrasta disfarçada lhe oferece”. (CASHDAN, 2000, p. 28).

Segundo a análise de Cashdan (2000, p. 28):

Cada um dos principais contos de fadas é único, no sentido em que se trata de uma predisposição falha ou doentia específica do eu. Depois que passamos do “era uma vez”, descobrimos contos de fadas que nos falam de vaidade, gula, inveja, luxúria, hipocrisia, avareza ou preguiça, intitulados pelo autor dos “Sete Pecados Capitais da Infância.

Sendo assim, apesar de João e Maria conter elementos de hipocrisia, o tema central gira em torno da comida e gulodice, ou seja, da gula. As crianças são

abandonadas porque a família não tem comida; elas devoram a casinha feita de doce porque estão com fome; e a bruxa engorda João para transforma-lo em refeição mais saborosa.

Outra visão da história de João e Maria é a que analisa seu eixo central como sendo a confiança.

De acordo com Mallet (1999, p. 112), Maria se queixa, chora lágrimas amargas e não tem esperanças. As crianças que lêem não se sentem tão sós em sua fraqueza que é dividida pela heroína do conto de fada.

Maria não se intimida: no final se mostra mais esperta do que a bruxa, empurrando-a para o forno e salvando sua vida e a de João, despertando na criança que ouve e se sente fraca e medrosa a esperança de que alguém “ fraquinho” também pode conseguir grandes feitos.

Mais obvio é o exemplo edificante de João. Os pais abandonaram as crianças e é fácil entender as lágrimas de Maria. João, porém, conserva a calma e até consola a irmã, pensa em uma solução e marca com pedrinhas o caminho de volta. Na primeira situação ele foi esperto, mas na segunda fracassa: os passarinhos comem as migalhas de pão que ele havia espalhado pelo caminho.

No final é salvo pela irmã e ambos sobrevivem porque o menino e a menina são o complemento um do outro.

Já Branca de Neve pode ter um significado especial para uma criança que esteja lidando com questões ligadas à aparência e ao potencial de ser desejada, questões que costumam preocupar muitas crianças. Da mesma forma que para crianças cujas famílias existem intensas rivalidades entre irmãos, Cinderela fala mais ao coração.

Assim, pode-se afirmar que os contos de fadas são os psicodramas da infância, por trás dessas divertidas incursões pelo reino da fantasia, que espelham lutas reais.

A bruxa, por exemplo, é um personagem fundamental nesses dramas, seja ela uma rainha de coração negro, uma diabólica feiticeira ou uma vingativa madrasta, é facilmente identificada pela ameaça mortal que representa para o herói ou a heroína.

“Em um conto de fadas após outro, a bruxa personifica aspectos pouco saudáveis do eu, contra os quais todos as crianças lutam”. (CASHDAN, 2000, P. 33).

E este impacto, dos personagens e suas tramas retratadas nos contos de fadas, são sentidas em nossa vida adulta, a influência acontece quando criança, mas as sementes da virtude florescem posteriormente.

Os Três Porquinhos por exemplo, “ensinam à criança pequenina, da forma mais deliciosa e dramática, que não devemos ser preguiçosos e levar as coisas na flauta, porque se o fizermos poderemos perecer”. (BETTELHEIM, 1980, p. 53).

Bettelheim (1980, p. 53), ainda registra sobre o planejamento e previsão inteligentes. Estes dois elementos combinados a um trabalho árduo desencadeará ações que tornaram o agente vitorioso, até mesmo sobre o inimigo mais feroz – o lobo.

Esta história também mostra as vantagens de crescer, dado que o terceiro e mais sábio dos porquinhos é normalmente retratado como maior e mais velho.

Este conto de fadas encoraja as crianças tímidas, agarradas demais à mãe, a desenvolverem um espírito mais empreendedor. Ao mesmo tempo, adverte aquelas que gostam de contar vantagem, que pensam que são donas do mundo.

Essas crianças aprendem que quem se superestima ou é descansado demais para construir uma casa resistente corre o perigo de ser devorado – ou é de fato devorado – como na versão original desse conto.

“Internamente, as ações dos porquinhos mostram o progresso da personalidade dominada pelo id, para a personalidade influenciada pelo superego mas essencialmente controlada pelo ego”. (BETTELHEIM, 1980, p. 53).

Já o lobo, feroz e destrutivo, de acordo com Bettelheim (1980, p. 54), vale por todos os poderes não sociais, inconscientes e devoradores, contra os quais a gente deve aprender a se proteger, e se pode derrotar através da força do próprio ego.

Sendo assim “ os três porquinhos”, dirige o pensamento da criança sobre seu próprio desenvolvimento, sem nunca dizer o que deveria ser, permitindo à criança extrair suas próprias conclusões.

Maneira bem diversa de lidar com um lobo perigoso é apresentada em Chapeuzinho Vermelho. Neste conto de fadas a imagem de uma menina “inocente” e encantadora sendo engolida por um lobo deixa uma marca indelével na mente.

“Chapeuzinho Vermelho, como a maioria dos contos de fadas, possui muitas versões diferentes. A mais popular é a dos Irmãos Grimm, na qual chapeuzinho e a avó voltam a viver e o lobo recebe um castigo bem merecido”. (BETTELHEIM, 1980, p. 203).

Neste conto, a história previne contra o descuido. No princípio, a heroína promete obedecer às recomendações da mãe. Mas, assim que se afasta de casa faz o contrário: fala com ousadia ao lobo, desvia-se do caminho, puxa a cortina da cama, apesar do medo, e por fim quer saber absolutamente tudo, mas acaba tendo uma surpresa desagradável.

E apesar do sufoco de Chapeuzinho Vermelho nada sofre, sai da aventura mais experiente.

As crianças que se identificam com Chapeuzinho Vermelho vivem o que a heroína do conto de fadas viveu e, como ela, ganham maior determinação e independência.

Várias são as temáticas tratadas nos contos de fadas, porém enfocou-se apenas algumas, entretanto, cada vez mais surgem evidências de que estes contos produzem efeitos decisivos sobre o funcionamento do ser humano. Cinderela, Branca de Neve, Chapeuzinho Vermelho, João e Maria, Os Três Porquinhos e outros inúmeros contos, transmitem esperança de vitória e são de grande ajuda na superação de dificuldades, mesmo na vida adulta.

Neste sentido, Tanouye (2005, p. 10) ressalta que “alguns autores vão além ao afirmar que, se por qualquer razão, uma criança for incapaz de imaginar seu futuro de modo otimista, ocorrerá uma parada no seu desenvolvimento geral”. E trazer mensagens da vitória do bem sobre o mal é o que os contos de fadas fazem com maestria, que na vida é inevitável termos de nos deparar com dificuldades, mas que se lutarmos com firmeza, será possível vencer os obstáculos e alcançar a vitória.

Ao ouvir uma estória, o imaginário da criança é acionado e, inconscientemente, as emoções provocadas pelos medos, frustrações, amores, desejos, sentimentos, os mais variados, atingem diretamente a camada endodérmica. Daí porque enquanto ouvem as estórias, emocionam-se com tal intensidade que têm frios na barriga e sustos. (TANOUYE, 2005, p. 10).

Finalmente pode-se compreender que o valor dos contos de fadas e sua influência na formação infantil é de imensurada extensão.

O conto de fadas é orientador para o futuro e guia a criança – em termos que ela pode entender tanto na sua mente inconsciente quanto consciente a abandonar seus desejos de dependência infantil e conseguir uma existência mais satisfatoriamente independente. (BETTELHEIM, 1980, p. 19).

2.5 - OS CONTOS DE FADAS E O IMAGINÁRIO INFANTIL

Sem dúvida os contos de fadas lidam com o imaginário e as emoções mais intrínsecas dos seres humanos, transmitindo através dos tempos lições de vida dados pela sabedoria ancestral dos povos, desde a origem dos tempos.

É graças a esta sabedoria, que mistura várias paixões e necessidades básicas, simbolicamente representadas pelos contos de fadas, que os mesmos estão entrando com tudo em nossas salas de aulas.

Já é ponto pacífico o fato de que cabe a educação atual a tarefa de oferecer caminhos para a formação da consciência de mundo da criança ou do educando em geral e não apenas servir de instrumento de informações.

Em um mundo como o nosso, dinamizado pelas multilinguagens visuais, sonoras e velozes, a leitura da palavra, isto é, do texto (principalmente literário poético) faz-se cada vez mais necessária para que as novas gerações não se imobilizem como gerações e palavras. (COELHO, 2005, p. 11).

Gerações sem consciência de si mesmas, sem consciência histórica e, conseqüentemente, sem consciência crítica. A ausência de autoconsciência redundando em indivíduos sem autonomia interior, e um dos caminhos para o retorno desta autoconsciência é a leitura.

Uma das maneiras de conscientização do eu em relação ao outro é o contato com os contos de fadas. “ De maneira inconsciente e divertida, a criança entra em contato com a sabedoria humana que vem da origem dos tempos, foi guardada pela memória dos povos e transmitida pelo contar histórias”. (COELHO, 2005, p. 11).

Desse fenômeno tira-se uma lição: o “contar histórias” mais do que entretenimento prazeroso, é uma experiência vital, é um exercício de viver.

Nesta nossa época de contrastes e caos, é fundamental que os adultos que lidam com as crianças (principalmente os professores) se dêem conta do valor ético-existencial dos contos de fadas para o povoamento do imaginário infantil. É no imaginário que, afinal, nossa vida se resolve, muito embora não nos demos conta disso.

“Ao ouvirem (ou lerem) tais contos, as crianças, mesmo sem o saber, estão formando as leituras do mundo que as ajudarão nos caminhos a serem trilhados na vida”. (COELHO, 2005, p. 12).

Em cada uma dessas histórias maravilhosas, há uma verdade vital. Nos dias que se vive de ausência de parâmetros para o comportamento humano, esses exemplos de vida, onde as virtudes são exaltadas, e o mal castigado, podem ser guias importantes.

E Garcia (2003) ressalta que o verdadeiro tesouro de histórias se abre as portas do imaginário, fazendo com que o aprendizado seja um momento rico e prazeroso.

Enfim, Coelho (2005, p. 12) afirma, o que explica o sucesso contínuo dos contos de fadas é o fato de que sua matéria-prima é extraída de verdades humanas e, portanto, não envelhece.

E Cury (2003, p. 132) salienta que contar histórias é uma técnica que desenvolve “a criatividade, educar a emoção, e estimular a sabedoria, expandir a capacidade de solução em situações de tensão, enriquecer a socialização”.

É preciso descobrir que os contos de fadas têm na base a vida real e que carregam em si mensagens simples que formam o complexo mundo sentimental e intelectual da criança, e que acima de tudo é um excelente meio de educação a ser explorado.

2.6. OS CONTOS DE FADAS E A EDUCAÇÃO

Hoje, como antigamente, a tarefa mais significativa na criação de uma criança é ajuda-la a encontrar significados na vida, entretanto, existem alguns pais que desejam que seus filhos pensem com a maturidade já adquirida por um adulto,

esquecendo que os mesmos necessitam desenvolver-se lentamente, descobrindo os mistérios da formação individual de seu caráter.

Bettelheim (1980, p. 11) afirma que,

Essa sabedoria não é coisa que nasça pronta como a deusa Palas Atena, que, inteiramente formada, pulou fora da cabeça de Zeus, antes, algo delicado que se constrói desde os tenros anos da infância e que passa necessariamente por um estágio de extraordinário potencial, o qual só se desdobrará convenientemente num bem explorado e maduro psiquismo. Obrigatoriamente, isso leva à necessidade de lidar com os sentimentos, e nesse particular, os contos de fadas cumprem relevante papel.

“Os contos de fadas dirigem a criança para a descoberta de sua identidade e comunicação, e também sugerem as experiências que são necessárias para desenvolver ainda mais o seu caráter”. (BETTELHEIM, 1980, p. 32).

Os contos de fadas deixam claro para a criança a mensagem otimista de que uma vida compensadora apesar da adversidade. Para Bettelheim (apud BENCINI, 2005, p. 54) nenhum tipo de leitura é tão enriquecedor e satisfatório do que os contos de fadas, pois eles ensinam sobre os problemas interiores dos seres humanos e apresentam soluções em qualquer sociedade.

Ou seja, a fantasia ajuda a formar a personalidade e por isso não pode faltar na educação, segundo Mariúza Tanouye (apud BENCINI, 2005, p. 54) aumenta seu repertório de conhecimento sobre o mundo e transfere para os personagens seus principais dramas. E Dohme (2000) esclarece que os contos de fadas contribuem na formação do caráter, raciocínio, imaginação, criatividade, senso crítico.

Cabe a todos as pessoas que trabalham com a educação compreender este universo mágico e seus efeitos no desenvolvimento intelectual e emocional da criança, engendrando esforços para proporcionar condições que favoreçam a integração psicológica das mesmas.

Se a criança pode aprender por meio deles a identificar e a reconhecer nos outros e em si mesma pensamento e sentimentos que ajudam ou atrapalham sua relação consigo mesma e com os outros, se aprende a conviver com naturalidade com fortes elementos do inconsciente, estaremos lhe oferecendo melhores condições para crescer e amadurecer por meio da narrativa e da reflexão dos contos de fadas. (VIEIRA, 2005, p. 9).

Nesta perspectiva de trabalho em que existe uma incorporação do imaginário, da fantasia, dos contos de fadas nos conteúdos previstos de forma interdisciplinar, é que Marandola (2005, p. 14) discorda ressaltando o valor da literatura na prática educativa, por proporcionar o contato com o ser humano em seu momento de imaginação e comunicação.

E é neste momento de prazer literário que o educador deve unir-se às companhias de Cinderela, Chapeuzinho Vermelho, João e Maria, Patinho Feio e seus muitos companheiros, utilizando-os como mediadores do processo de construção de conhecimento por educandos e educadores,

Esta prática já tem raízes, segundo Silva (1995, p. 9), o escritor francês Charles Perrault, que no século XVII fez o primeiro registro escrito dos contos de fadas, acreditava que eles deveriam ser uma espécie de cartilha de boa educação.

Não se trata de elaborar receitas de como utilizar os contos de fadas em sala de aula, e sim de entender o quanto estas histórias têm a capacidade de dar uma dimensão humana às habilidades e competências destinadas às séries iniciais do ensino fundamental e determinadas pelo currículo básico.

É interessante que o educador entenda que seu papel ao ler uma história é amplo e está intrinsecamente ligado ao que Abramovich (2002, p. 17) relata. Segundo a autora é importante que a criança ao ouvir uma história possa sorrir, gargalhar com situações vividas pelos personagens, com a idéia do conto, ou com o jeito de escrever de um autor, é necessário que haja uma cumplicidade desse momento de humor, de brincadeira e divertimento.

Abramovich (2002, p.17) ainda registra o suscitar do imaginário, a curiosidade sendo respondida em relação a muitas perguntas, a várias idéias para solucionar questões (como os personagens fizeram).

“Desta relação sadia com os livros, estabelecida pelo educador, cabe ao mesmo oportunizar a criança desenvolver seu potencial crítico. É preciso saber se gostou ou não do que foi contado, se concordou ou não com o que foi contado”. (ABRAMOVICH, 2002, p. 143).

Ou seja, é preciso perceber se ficou envolvido com a história, ou detestou, é formar opinião própria, é ir formulando os próprios critérios, é começar a amar um gênero, uma idéia, em assunto.

Compreender toda esta relação que envolve as histórias, principalmente os contos de fadas, passa pela emoção, pois contar histórias é um ato de amor, um

momento de intimidade entre o adulto e a criança, e por isso pode ajudar o relacionamento professor-aluno.

Elas são eficientes para ensinar justamente porque encantam as crianças. É só lembrarmos do quanto algumas delas não cansam de ouvir, muitas e muitas vezes, a mesma história, é fácil entender esse fascínio, basta lembrar que a literatura tem como matéria-prima a emoção.

“Se as histórias, que são encantadoras, vêm junto com informações de natureza científica, didática, fica muito mais fácil de entender tais conteúdos”, (RIBEIRO apud SILVA, 1995, p. 10), mas para que a magia aconteça, é necessário que deixemos os contos de fadas serem contos maravilhosos, cheios de fantasias e não nos preocupemos em retirar de seu cerne conceitos gramaticais ou outros conceitos áridos, tudo deve fluir naturalmente sem a imposição de conteúdos que não cabem na história em questão.

3. METODOLOGIA

3.1. ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS E O TIPO DE PESQUISA UTILIZADO

O presente trabalho de conclusão de curso, monografia, tem como orientação metodológica a pesquisa-ação, que [...]:

É um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT, 1988, p. 14).

Optou-se por trabalhar com a pesquisa-ação, pois as pesquisadoras desempenham um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função do problema. Pretende-se com tudo desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados.

Na pesquisa-ação existem objetivos práticos de natureza bastante imediata: propor soluções quando for possível e acompanhar ações correspondentes, ou, pelo menos, fazer progredir a consciência dos participantes no que diz respeito à existência de soluções e de obstáculos. (THIOLLENT, 1988, p. 20).

É interessante ressaltar que nesta metodologia os participantes não são reduzidos a cobaias e desempenham um papel ativo.

De acordo com THIOLLENT (1988, p. 24):

Do ponto de vista científico, a pesquisa-ação é uma proposta metodológica e técnica que oferece subsídios para organizar a pesquisa social aplicada sem os excessos da postura convencional ao nível da observação, processamento de dados, experimentação, etc. com ela se introduz uma maior flexibilidade na concepção e na aplicação dos meios de investigação concreta.

Outro aspecto relevante da pesquisa-ação pe quanto a formulação de hipóteses. Este esquema não se enquadra na presente pesquisa como seria numa tradicional.

A pesquisa-ação seria um procedimento diferente, capaz de explorar as situações e problemas para as quais é difícil, senão, impossível, formular hipóteses prévias e relacionadas com um pequeno número de variáveis precisas, isoláveis e quantificáveis. É o caso da pesquisa implicando interação de grupos sociais no qual se manifestam muitas variáveis imprecisas dentro de um contexto em permanente movimento. (THIOLLENT, 1988, p. 33).

A proposta de trabalho é determinar instruções (diretrizes) relativas ao modo de encarar os problemas, estas situações são, menos rígidas que as hipóteses, mas desempenham função semelhante.

Mas para melhor organizar essa pesquisa utilizou-se da técnica principal, a do seminário, ao redor da qual as outras gravitam.

O seminário central reúne os principais membros da equipe de pesquisadores e membros significativos dos grupos implicados no problema sob observação.

Resumindo algumas das principais tarefas do seminário, segundo THIOLLENT (1988, p. 59), indica-se:

1. Definir o tema e equacionar os problemas para os quais a pesquisa foi solicitada.
2. Elaborar a problemática na qual serão tratados os problemas e as correspondentes hipóteses de pesquisa.
3. Constituir os grupos de estudo e equipes de pesquisa. Coordenar sua atividades.
4. centralizar as informações provenientes das diversas fontes e grupos.
5. Elaborar as interpretações.
6. Buscar soluções e definir diretrizes de ação.
7. Acompanhar e avaliar as ações.
- 8 Divulgar os resultados pelos canais apropriados.

Utilizou-se como método de análise de texto a análise qualitativa do conteúdo. “A análise do conteúdo é um dos procedimentos clássicos para analisar o material textual, não importando qual a origem desse material, desde produtos da mídia até dados de entrevista.” (FLICK, 2004, p. 201).

Um de seus aspectos essenciais é o emprego de categorias estipuladas na pesquisa em questão, em uma seqüência de temas.

Mayring (apud FLICK, 2004, p. 202) desenvolveu um processo para uma análise qualitativa do conteúdo, o qual inclui um modelo com exposição dos procedimentos da análise do texto e as diferentes técnicas para a aplicação desse modelo. Seguiu portanto, as etapas descritas por Mayring:

- 1ª) Definir o material, selecionar as entrevistas ou aquelas partes que sejam relevantes na solução da questão de pesquisa;
- 2ª) Analisar a situação da coleta de dados (como foi produzido o material? Quem participou dessa produção? Quem estava presente na situação de entrevista? De onde vêm os documentos que vão ser analisados? etc)
- 3ª) Caracterização formal do material (como foi documentado o material – gravação ou protocolo? Como foi editado – influência da transcrição sobre os textos? etc)
- 4ª) Definição da direção da análise para os textos selecionados e “o que de fato se espera interpretar com eles”;
- 5ª) Relacionar a questão da pesquisa à base teórica.

Nesse contexto Mayring (apud FLICK, 2004, p. 202) ressalta que é fundamental que a questão de pesquisa da análise seja previamente definida com clareza, devendo estar teoricamente vinculada à pesquisa anterior sobre o assunto e ser, geralmente, diferenciada, em subquestões.

A isso seguiu-se a definição da técnica analítica, sendo que a escolhida foi a de abreviação da análise do conteúdo (grifo do grupo). Nela o material é parafraseado, o que significa que trechos e paráfrases menos relevantes que possuam significados iguais são omitidos (primeira redução). E paráfrases semelhantes são condensadas e resumidas (segunda redução).

Tem-se, assim, uma combinação de redução do material através da omissão de enunciados incluídos em uma generalização no sentido de resumir esse material em um nível maior de abstração.

Por fim, definiu-se as unidades analíticas, no qual a de codificação, foi a temática, obtida através da entrevista individual e episódica, a contextual foi a seleção do maior elemento no texto no qual originou-se as categorias e por fim a unidade analítica, que definiu quais passagens seriam analisadas uma após a outra.

Ainda antecedendo a última etapa da análise qualitativa do conteúdo, partiu para as análises efetivas dos dados, antes que seus resultados fossem

finalmente interpretados com referência à questão de pesquisa, elaborando-se e respondendo-se a questões de validade.

3.2. PARTICIPANTES E CENÁRIO DA PESQUISA

Nesse sentido, ressalta-se que a coleta de dados foi efetuada na presente pesquisa, por uma participante do grupo, por ser uma professora contadora de histórias, que atua numa escola da rede pública do D.F, localizada em Taguatinga.

Esclarece que esta pesquisadora recorreu a realização de um projeto literário (Quem Conta um Conto, Aumenta um Ponto), aprovado previamente pela Gerência Regional de Ensino de Taguatinga – GRET (vide documentação comprobatória em anexo 1) que nasceu da vontade de verificar na prática qual o papel dos contos de fadas na educação das crianças.

É importante ressaltar que as outras três integrantes da equipe desta monografia], também atuantes como professoras das séries iniciais na rede pública do D.F, também estão motivadas pelo fascínio que os contos de fadas exercem sobre as crianças e a questão da banalização destas narrativas por outros educadores.

Desta forma a organização da pesquisa gerou em torno da coleta de dados que concentrou-se numa Escola Classe de Taguatinga, em um grupo de 25 (vinte e cinco) turmas, sendo 13 do turno matutino e 12 do vespertino, distribuídas desde a Educação Infantil 06 anos até a 4ª série dos Ensino Fundamental, atingindo seus respectivos professores e chegando a análise e discussão dos dados recolhidos pelos membros do seminário central.

Vale ressaltar que os componentes do seminário não se restringiram apenas aos titulares da monografia, oram selecionados representantes do grupo implicado no problema, dando assim legitimidade a discussão e registro das conclusões da pesquisa.

3.3. ESPECIFICAÇÃO DAS FASES DA PESQUISA

A pesquisa em questão foi realizada em sete fases distintas, desde a escolha do tema, no projeto de pesquisa, até as conclusões finais no presente trabalho.

Na primeira fase, escolheu-se o tema em novembro de 2005 e iniciou-se a pesquisa bibliográfica em livros e periódicos. Foi possível, nesse sentido iniciar um posicionamento em relação aos princípios teóricos pertinentes, com a definição do seguinte tema: “ O Papel dos Contos de Fadas na Educação da Criança”.

Na segunda fase, após esta definição e procura teórica foi realizada durante a segunda semana do mês de fevereiro, do corrente ano, 2006.

Na terceira fase, procurou-se estruturar as idéias oriundas das informações recolhidas, em um projeto de pesquisa, na qual foram registrados o tema, o resumo (abstract), o problema, a justificativa e os objetivos. Realizou-se esta fase na terceira, quarta semana e 3 dias da 5ª semana do mês de fevereiro, do corrente ano, 2006.

A quarta fase constituiu no levantamento dos subtópicos a serem desenvolvidos na fundamentação teórica e em sua efetiva construção, fase esta que demandou o período de cinco semanas, englobando todo o mês de março e a primeira semana de abril, do ano citado.

A quinta fase constitui na elaboração e aplicação dos instrumentos de coleta de dados prolongando-se por um período de sete semanas, iniciando-se na segunda semana de abril e encerrando-se na quarta semana de maio no ano em curso.

A sexta fase foi utilizada para organização, análise e discussão dos dados, acontecendo nos 4 últimos dias de maio, estendendo-se a primeira e segunda semana do mês de junho.

A sétima e última fase foi destinada a construção final da monografia com suas considerações teórico-práticas, sendo elaborada na terceira semana do mês de junho.

Para melhor clareza, segue o cronograma via anexo (no apêndice 4, apresentado em semanas).

3.4. INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS

As principais técnicas utilizadas foram a entrevista individual (vide roteiro da entrevista em apêndice 1) e técnicas antropológicas como observação participante, diário de campo e análise de vídeos e fotografias como documentos de pesquisa.

A entrevista individual é “essencialmente uma técnica, ou método, para estabelecer ou descobrir que existem perspectivas, ou pontos de vista sobre os fatos, além daqueles da pessoa que inicia a entrevista”. (Robert Farr apud BAUER, 2002, p. 65).

O tipo de metodologia de entrevista utilizada foi a individual, de profundidade. Estabelecemos um tópico guia que consiste em um conjunto de títulos de parágrafos que funciona como lembrete para o entrevistador, como lembrete para o entrevistado, como um salvaguarda quando der um “branco” no meio de uma entrevista, um sinal de que há uma agenda a ser seguida e um meio de monitorar o andamento do tempo da entrevista.

“Um bom tópico guia ira criar um referencial fácil e confortável para uma discussão, fornecendo uma progressão lógica e plausível através dos temas em foco”. (BAUER, 2002, p. 67).

O tópico guia foi sobretudo um guia, que cobriu os temas centrais e os problemas da pesquisa, não tornando assim um questionário engessado e sem flexibilidade. Uma coisa é importante esclarecer, todas as mudanças foram plenamente documentadas com as razões que levaram a isto.

A seleção dos entrevistados foi feita em um grupo natural, de pessoas que partilham de um passado comum, possuem alguns projetos para o futuro profissional compartilhando também alguns valores e interesses mais ou menos semelhantes, formando assim um meio social.

Lançou-se mão também de técnicas antropológicas como observação participante e diário de campo, que consiste no registro das observações realizadas pela pesquisadora em um caderno de bordo.

A observação participante, conforme Denzin (apud FLICK, 2004, p. 152) é definida como uma estratégia de campo que combina simultaneamente, a análise de documentos, a entrevista de respondentes e informantes, a participação e a observação direta, e a introspecção.

Os aspectos principais do método consistem no fato de o pesquisador mergulhar de cabeça no campo, de observar a partir de uma perspectiva de membro, mas também de influenciar o que é observado graças à sua participação.

Spradley (apud FLICK, 2004, p. 153), distingue três fases da observação participante:

1. Observação descritiva, no início, cuja função é fornecer ao pesquisador uma orientação para o campo em estudo, oferecendo descrições não-específicas, servindo também para apreender a complexidade do campo, na medida do possível, ao mesmo tempo em que desenvolve questões de pesquisa e linhas de visão mais concretas.
2. Observação focal na qual a perspectiva restringe progressivamente aqueles processos e problemas que forem os mais essenciais para a questão de pesquisa.
3. Observação seletiva, ocorre próximo ao fim da coleta de dados e concentra-se, até certo ponto em encontrar mais evidências e exemplos para os tipos de práticas e processos descobertos na segunda etapa.

Ficha e esquemas de observação mais ou menos estruturadas foram utilizados. Recorreu-se a notas de campo, cujo relatos condensados foram registrados em uma única palavra, frase ou citação extraída das conversas, hora ampliando as impressões provenientes de entrevistas e contato de campo, hora analisando e interpretando as situações após os contatos de campo e ao diário de pesquisa, em que foram registrados o processo de aproximação do campo de pesquisa e as experiências e problemas neste contato.

Como a observação participante reúne em seu campo várias técnicas, inclusive as entrevistas selecionamos para este momento ou episódica, que foi devidamente documentadas em fichas estruturadas. (vide em apêndice 2)

Cabe esclarecer que estas entrevistas foram feitas aos educadores responsáveis pelas turmas atendidas pelo projeto “Quem Conta um Conto, Aumenta um Ponto” logo após o atendimento dos mesmos com a finalidade de que os docentes relatassem de forma narrativa qual a concepção do entrevistado sobre o tema proposto na pesquisa e sua biografia com relação a ele.

Paralelo a estas inferências contou-se também com as fotografias e vídeos como instrumento de pesquisa. Lançou-se mão destes meios por permitir gravações detalhadas de fatos, além de proporcionar uma apresentação mais

abrangente das ações e reações provenientes da interferência do observador participante.

Segundo Denzin (apud FLICK, 2004, p. 163):

Há de se levar em conta as conjeturas teóricas que determinam o que é fotografado e quando, que aspecto é selecionado para análise a partir da foto, etc, deixam sua marca na utilização das fotografias como dados ou para a documentação de relações.

Procurou-se manter em mente por que da seleção deste meio como coleta de dados. Uma das razões que a imagem, com ou sem acompanhamento de som, oferece um registro mais poderoso das ações temporais e dos acontecimentos reais concretos, materiais. Outra razão é que na pesquisa social, pode-se empregar, como dados primários, informação visual que não necessita ser nem em forma de palavras escritas, nem em forma de números. E uma terceira razão é que o mundo em que vivemos é crescentemente influenciado pelos meios de comunicação, cujos resultados, muitas vezes, dependem de elementos visuais.

Passa-se agora ao vídeo, que “tem uma função óbvia de registro de dados sempre que algum conjunto de ações humanas é complexo e difícil de ser descrito compreensivamente por um único observador, enquanto ele se desenrola.” (BAUER, 2002, p. 149)

Enquanto se deu a gravação, um código de tempo foi inserido na imagem, de tal modo que cada segundo minuto ou hora foi registrado automaticamente.

Posteriormente o pesquisador deu conta de diversas tarefas: examinou sistematicamente o “corpus” (BAUER, 2002, p. 149) de que certas ações e seqüências de ações deveriam ser categorizadas de modo específico e finalmente o processamento analítico da informação colhida.

Ressalta-se que utilizou-se como apoio teórico para análise dos materiais coletados as orientações de Bauer e Gaskell (2002) Thiollent (1988) e Flick (2004).

3.5. CATEGORIAS, ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

3.5.1. Especificação das Categorias Escolhidas

Quanto as categorias escolhidas para organização, análise e discussão dos dados coletados através de entrevista individual e episódica selecionou as seguintes:

- 1ª - Conceituação dos Contos de Fadas
- 2ª - Primeiro contato com os Contos de Fadas
- 3ª - Os contos de Fadas e a influência na formação da personalidade
- 4ª - Mensagens transmitidas pelos Contos de Fadas
- 5ª - Contos de Fadas como instrumentos de descoberta de sentimentos
- 6ª - Os responsáveis pela transmissão dos Contos de Fadas para as crianças
- 7ª - O maravilhoso na leitura infantil
- 8ª - A fantasia dos Contos de Fadas
- 9ª - Os Contos de Fadas na sala de aula
- 10ª - O trabalho com os Contos de Fadas
- 11ª - Posicionamento das professoras perante o trabalho com os contos de fadas
- 12ª - Outras informações fornecidas pelas professoras sobre os contos de fadas.

Quanto às categorias escolhidas para organização, análise e discussão dos dados coletados através de fotografia utilizado na rotina das apresentações dos contos de fadas, destacou-se as seguintes:

- 1ª - Principais reações dos ouvintes em relação à fantasia e imaginação perante a narração dos Contos de Fadas
- 2ª - Sentimentos que os Contos de Fadas despertaram nas crianças

Quanto às categorias escolhidas para organização, análise e discussão dos dados coletados através de observação participante com ações pedagógicas voltadas para interdisciplinaridade dos conteúdos por meio dos Contos de Fadas destacou-se as seguintes:

- 1ª - Possibilidades acadêmicas dos Contos de Fadas
- 2ª - Temas transversais trabalhados nos Contos de Fadas

3.5.2. Organização, análise e discussão de dados

Registra-se a seguir a organização, análise e discussão dos dados, conforme as categorias de análise obtidos nas entrevistas individual e episódica, de fotografias, observação participante, voltadas para a interdisciplinaridade.

3.5.2.1. Resultados obtidos por meio das entrevistas individual e episódica

Ao fazer a análise de 11 entrevistas individuais e 8 episódicas, buscou-se descobrir os conceitos dados aos contos de fadas, as experiências e os primeiros contatos, a influência na formação da personalidade, as mensagens transmitidas, como um instrumento de descoberta de sentimentos, responsabilidade por transmitilos, o maravilhoso, a fantasia, utilização na sala de aula, trabalhos com contos de fadas e posicionamento das professoras e outras informações dadas que enriqueceram a pesquisa.

Em relação ao conceito sobre o significado dos contos de fadas, a primeira categoria, pôde-se ler os seguintes registros abaixo, no primeiro momento, na entrevista episódica: Lenda, fato verídico (relato da professora 1); imaginação, sai da realidade (relatos das professoras 2, 4 e 5); fantasia, mundo cheio de magia (relato da professora 3); sonho, imaginação, deslumbramento, viagem, representação da realidade (relatos das professoras 6, 7 e 8).

No segundo momento, a menção associada às palavras contos de fadas, estão descritas assim, após análise dos dados obtidos na pesquisa episódica: História (relato da professora 1); momento mágico (relato da professora 2); magia, fantasia, imaginação, encantamento (relatos das professoras 3, 4, 6 e 7); bruxa, fada, príncipe (relatos das professoras 5 e 8).

O significado dado aos contos de fadas e a associação que se faz a essas palavras, pelas professoras entrevistadas, é praticamente unânime, embora usem terminologias diferentes. A visão do conceito dado a contos de fadas está diretamente relacionada ao imaginário, à fantasia. Embora se utilize substantivos para representar a conceituação dada aos contos de fadas, esses nomes representam pessoas personificadas e não aquelas que existem de fato.

Diante do que foi descrito e analisado pode-se concluir que as professoras entrevistadas responderam de acordo com Fernandes (2003, p. 40), que afirmou que a fantasia está na imaginação e que os contos de fadas possuem esse poder, porque os escritores fazem uso do fantástico ao escreverem seus contos, saindo da sua realidade, portanto, a “fantasia é um mecanismo inventado pelo homem na era medieval para superar as dificuldades da vida real”. (Revista Escola, set. 2003, p. 53).

Nenhuma professora disse nos relatos desta categoria, que os contos de fadas é uma narrativa simples que tem uma estrutura básica, onde personagens vencem obstáculos seguindo um ritual para o encontro do seu eu, conforme Oliveira (2005). No entanto, essas referências aparecem em outros relatos como poderá ser constado mais adiante.

As primeiras experiências e contatos com os contos de fadas foram selecionadas na segunda categoria. Observando as respostas da entrevista episódica, relatam o seguinte: Momento agradável, rodinha no interior (relato da professora 1); em casa lendo e vendo livros, continuidade na escola (relato da professora 2); interior, noite de lua cheia, causos, traz a infância (relato da professora 3); contar para os alunos após o recreio, contar para o filho no colo (relato da professora 4); infância, boas lembranças (relato da professora 5); LP - discos, teatro (relato da professora 6); pai contava, lia o livro “As mais belas historias” (relato da professora 7); criança, literatura de Cordel, contava para a filha, alunos da primeira série reproduzindo os contos de fadas por escrito (relato da professora 8).

Diante dos relatos pode-se constatar que: Nem todas as professoras conheceram os contos de fadas quando eram crianças. Há três relatos assim: 3, 4 e 8.

Os causos contados no interior, não possuem a estrutura da resolução dos conflitos e nem o final feliz básicos dos contos de fadas. Pode-se supor que a

professora do relato 1, embora no interior, numa rodinha teve oportunidade de conhecer os contos de fadas, pois alega terem sido maravilhosos e não fez referências com outras salientaram ter ouvido em crianças causos e literatura de Cordel.

Duas professoras que não conheceram os contos de fadas quando crianças evitaram que seus filhos e alunos passassem por igual desconhecimento, relato 4 e 8.

Uma professora vivenciou os contos de fadas de forma mais sofisticada LP -discos e teatro, relato 6.

De um modo geral, de acordo com os relatos a transmissão dos contos de fadas começou em casa e se estendeu até a escola. Platão (apud Carvalho, 1985), disse que as mulheres contavam para as crianças histórias simbólicas, havendo portanto há uma experiência de vida indo de encontro a essa afirmativa.

Esta transmissão dos contos de fadas que constituíam um entretenimento para as crianças e adultos principalmente entre as comunidades agrícolas, segundo Carvalho (1985, p. 57), foram vivenciadas literalmente, por três professoras conforme relatos: 1, 2 e 8.

Na terceira categoria, foi incluído o tópico “a influência dos contos de fadas na formação da personalidade”. A análise encontra respaldo nas respostas das entrevistas individual e episódica, a seguir. Entrevista individual: Valores morais (relatos das professoras 1, 3 e 6); depende da utilização (relato da professora 2); ludicidade (relato da professora 4); facilitar a vida, mudança (relatos das professoras 5, 8 e 11); conhecer-se (relato da professora 7); influencia dos personagens como modelo (relatos das professoras 9 e 10). Entrevista episódica: Aquisição de valores, hábito, moral (relatos das professoras 1 e 4); criatividade (relatos das professoras 2 e 3); identificar-se com os personagens (relatos das professoras 5 e 8); imaginação (relato da professora 6); conhecimento (relato da professora 7).

Após a exposição das opiniões das professoras entrevistadas pode-se concluir que é unânime a constatação de que os contos de fadas influenciam na personalidade da criança, direta ou indiretamente.

É um meio da criança se conhecer e obter conhecimento, de espelhar-se no personagem para facilitar e dar novos rumos à vida; favorece à vida, a criatividade e à ludicidade. É um instrumento para aquisição de valores.

Convém salientar, que esta influência aparece nas entrelinhas das diferentes respostas, apresentadas nesta pesquisa, em perguntas selecionadas em outras categorias.

A influência dos contos de fadas está confirmada por Cashadan (2000, p. 31). Para ele, os contos de fadas, projetam inconscientemente nos seres usando-os para confrontar os seu eu trazendo um aprendizado para a criança.

Bettelheim (1980, p. 19) complementa, pois acredita que os contos de fada é orientar para o futuro consciente ou inconscientemente para uma existência independente.

A cerca das mensagens transmitidas pelos contos de fadas, item da quarta categoria, pode-se observar a seguinte descrição após ser realizada a pesquisa individual: Instrumento de orientação, absorve-se a mensagens e toma decisão, mostra os dois lados para a mudança (relatos das professoras 1, 2, 5, 9 e 10); desenvolve a cultura da partilha para a busca de soluções (relatos das professoras 3, 4 e 7); busca dos sonhos e das soluções (relatos das professoras 6, 8 e 11).

Tendo em vista os relatos observados, pode-se constatar que dentro desta categoria há menos diversidade nas respostas apresentadas pelas professoras até o momento. Vale salientar que as respostas dos relatos 3, 4 e 7 estão inseridas nos relatos 6,8 e 1. Não é diferente com os relatos 1, 2, 5, 9 e 10.

Todos os relatos envolvem uma orientação dos contos de fadas para a vida das pessoas, indo de encontro com o pensamento de Bettelheim, já citado na discussão anterior.

A mensagem dos contos de fadas esta na ética que se encontra inserida: o bem é valorizado e o personagem recebe o final feliz; o mal é denunciado e o personagem é castigado.

Os contos de fadas também são um estímulo encorajador na luta da vida, encerrando suas histórias em lições de vida, sentimentos amplos, valores essenciais para a formação dos futuros cidadãos leitores e criadores.

E Oliveira (2005) encerra esta discussão afirmando “que há provas a serem vencidas pelo herói para alcançar uma satisfação, ou seja o final feliz”. Afirmativa tão presente nos relatos das professoras.

Os contos de fadas como instrumento de descoberta de sentimentos, constitui o título da quinta categoria. As repostas analisadas tiveram suas perguntas

na pesquisa individual que relata o seguinte: Sentimentos vividos no dia-a-dia, vida real, experiência de vida (relatos das professoras 1, 2, 3, 4, 6 e 11); alerta contra os vilões (relato da professora 5); auxilia a lidar com sentimentos (relato da professora 7); despertar sentimento (relato da professora 8); incentivo a criança pela perseverança (relato da professora 9); importância para lançar semente do amor (relato da professora 10).

Diante da exposição pode-se afirmar que em 100 % das repostas os sentimentos estão diretamente relacionados aos contos de fadas e vice-versa, ou porque fazem parte da vida ou justamente para inserir ou despertar aquilo que esta adormecido.

É inegável o sentimento humano presente nos contos de fadas. Além do mais os contos de fadas funcionam com instrumentos de descobertas desses sentimentos dentro da criança ou até mesmo de adulto, pois os mesmos são capazes de envolver as pessoas em seu enredo, de instigar a mente, comover-se com a sorte dos personagens.

No que diz respeito à responsabilidade pela transmissão dos contos de fadas para crianças, assunto da sexta categoria, pode-se narrar relatos que foram falados tanto na entrevista individual como na episódica. Relatos da entrevista individual: o sim foi unânime. Controlar sentimentos (relato da professora 1); conhecimento de tudo para lidar e enfrentar situações adversas, para escolher, para mudar (relatos das professoras 2, 3, 7, 8 e 9); satisfação de sonhos, necessidades (relato da professora 4); satisfação do bem estar, ver herói vencer (relato da professora 5); pais educados orientam contos educados (relatos das professoras 6 e 11); trabalhar valores (relato da professora 10). Relatos da entrevista episódica: Família, escola, comunidade (relatos das professoras 1, 4, 7 e 8); família, escola (relato das professoras 2, 3 e 5); casa, mídia (relato da professora 6).

Diante do que foi exposto, pode-se concluir que a responsabilidade de contar contos de fadas de início é dos pais, pois todas as professoras responderam sim e posteriormente da escola, da comunidade, da mídia.

Quanto às justificativas apresentadas, elas expressam o que já relatado, analisado e discutido nas categorias já apresentadas.

Segundo Abramovich (2002, p. 17), o educador precisa entender que ao contar uma história as crianças devem sorrir, gargalhar às situações do conto, ações, personagens, modo, tornando-se cúmplice do autor. Em seguida oportunizar

a criança a desenvolver seu potencial crítico, opinando gostos, concordando ou discordando, formulando seus próprios critérios para amar um gênero, uma idéia ou um autor.

Nota-se que a autora refere-se a ação de um educador, ou seja, qualquer pessoa que eduque. Pode ser o pai, a escola, a comunidade.

No que diz respeito à mídia ser transmissora de contos de fadas, não há empecilho, ela funciona equivalente ao livro. O que o educador deve fazer, continua implícito.

E por fim, Coelho (2005), acredita que ao ouvir história forma-se o leitor para o mundo. E o poder da leitura é inquestionável.

No que diz respeito ao maravilhoso na literatura infantil, tema da sétima categoria, presente nas respostas da pesquisa individual, descreve-se o seguinte, no primeiro momento: conhecimento do bem e do mal para discernimento (relato da professora 1); aliviar problemas (relato da professora 2); identificar-se com o personagem (relato das professoras 3 e 5); mundo encantado (relatos das professoras 6, 7 e 10); influencia a vida (relatos das professoras 9 e 11); dependendo do contexto (relato da professora 4); criança traz semente do amor que precisa ser cultivada (relato da professora 8). No segundo momento relata-se: expectativa, esperança (relato da professora 1); conhecimento de coisas boas e ruins (relato da professora 2); identificação com o personagem (relato da professora 3); imaginação, magia (relatos das professoras 4 e 9); criatividade (relato da professora 7); formação do bom leitor (relatos das professoras 8, 10 e 11).

Após a descrição dos relatos pode-se dizer que as professoras acreditam que o maravilhoso nos contos de fadas encontra-se no conhecimento do bem e do mal, para discernimento no alívio de problemas, na identificação com o personagem para vivencia-los ou para segui-los para mudar a vida. É um mundo encantado que faz bem, que gera criatividade, que leva mensagem ao leitor e ou ouvinte e formar bons leitores.

Diante do que foi exposto pode-se concluir que as professoras encontram-se em consonância com Vieira (2005) que afirma ser os contos de fadas um meio de transmissão de valores e conhecimentos. A criança identifica-se e se reconhece nos contos de fadas personagens, ações, pensamentos vão crescendo e amadurecendo e conseqüentemente mudando-se e ou mudando sua vida.

Por fim a redundância se faz necessária. Segundo Coelho (2005), com a leitura de contos de fadas forma-se leitor para o mundo.

A fantasia dos contos de fadas, tema da oitava categoria será analisado e discutido a partir das indicações. Mundo imaginário, sonho, magia (relatos das professoras 1, 4, 7, 8 e 9); seres fantásticos, heróis, castelos (relatos das professoras 2, 5, 6, 10 e 11); histórias infantis (relato da professora 3).

Esta questão diz respeito à simples menção que se faz quando se pensa em contos de fadas. E pôde-se observar que seres encantados foi sempre o foco das histórias que eram repetidas oralmente, como afirma Perrault. Bortolin (2005) faz referencia da fantasia que existe nas transformações dos personagens e dos objetos por meio de objetos mágicos, como na fantasia em si, dos seres e castelos. Vieira (2006) encerra as alusões à fantasia quando afirma que o herói vence todas as dificuldades e se chega ao final feliz.

Embora nos contos de fadas haja situações inusitadas, são situações que podem ser comparadas com a realidade das pessoas, no seu cotidiano, justificando os relatos 1, 4, 7, 8 e 9.

Desta forma os contos de fadas dão pistas à crianças para ordenarem toda a fantasia e voltarem à realidade fortalecida, com novas descobertas, facilitando a compreensão e aproximando-a à maneira de como se vê o mundo, já que são incapazes de compreender as respostas realistas.

A referencia contos de fadas relacionadas à histórias infantis, surgiu na Alemanha, quando os irmãos Grimm devolvem à criança a magia dos contos de fadas, e a professora do relato 3 vivencia essa alusão.

Os contos de fadas utilizados na sala de aula, título da nona categoria reflete os relatos de como são utilizados os contos de fadas na escola, na entrevista individual.

Todas as professoras responderam afirmamente que trabalham com contos de fadas na sala de aula. Lendo e contextualizando com a realidade do aluno para desenvolver a criticidade, social, afetivo e cognitivo (relatos das professoras 1, 3, 5, 7, 8, 9, 10 e 11); lendo, produzindo texto, teatro (relatos das professora 2 e 4); leitura, dramatização (relato da professora 6).

O primeiro grupo de relatos, si interligam pela objetividade implícita: ler para servir de meio para mudanças no desenvolvimento, tanto quanto a ação, quanto à formação. Dessa forma, os pensamentos das professoras si apóiam na

afirmativa de Abramovich (2002, p. 17) já mencionada na discussão da sexta categoria. Os relatos 2, 4 e 6 se confundem porque acreditam ler para produzir texto e ou dramatizações e teatro.

Fala-se hoje, em aprendizagem significativa como se isso não fosse um dos objetivos da antiguidade e os contos de fadas ajudam a criança a encontrar significados pois elas descobrem sua identidade, sua comunicação e sugerem experiências necessárias ao caráter como afirma Bettelheim.

Por conseguinte, os relatos da maior parte da professoras visam dar um significação para os alunos, pois contextualizam e fazem uso da reflexão. Não se pode negar a dramatização e o teatro como meio direto de trazer significados para as crianças, pois é a experiência viva, a imitação e interpretação de sentimentos. A produção de texto trata da concretização, da prova de que o texto trouxe significado, é o momento que a criança faz uso das palavras da mesma forma que o autor.

A interdisciplinaridade não aparece como recurso em sala de aula. Os contos de fadas aparecem trabalhados nas disciplina de português, filosofia (valores) e artes (dramatizações e teatros), de forma que as habilidades e competências encontradas nos contos de fadas ficam comprometidas diante do quadro de respostas observadas.

O trabalho com os contos de fadas reproduz o pensamentos das professoras que poderiam apresentá-los a quem nunca ouviu, e como estão vendo o futuro deles. As respostas atendem às perguntas das entrevistas individual e episódica. Foi selecionada como décima categoria.

Nas pesquisas individual, os contos poderiam ser contados. Para envolver as pessoas de forma eloqüente com empolgação, formar e informar, vivenciar (relatos das professoras 1, 6, 8, 9 e 11); mostrar um mundo diferente, conversar (relatos das professoras 2 e 5); descoberta da fantasia, imaginação do novo, da curiosidade (relatos das professoras 3,4, 7 e 10).

A visão da transmissão dos contos de fadas esta expresso assim: diminui com um mundo virtual, precisa de conversa, pai e escola (relatos das professoras 1, 2, 4, 5 e 7); as crianças tem muita vivência e muito livro, vai melhorar (relato da professora 3); valores vão acabar (relato da professora 6); o mundo eletrônico promove a apresentação dos contos de fadas (relatos da professora 8).

As professoras acreditam que os contos de fadas devem ser apresentados com entusiasmo e com finalidades definidas como formar, informar,

vivenciar, despertar curiosidade, apresentar um mundo diferente e que essa apresentação precisa ser mais intensa pois os contos de fadas tem sido apresentados com menor freqüência, e que pais e escola precisam conversar pois os valores também estão diminuindo.

Apenas uma professora acredita que os vários livros que existem podem ajudar na formação. Coelho (2005) acredita que os textos literários devam existir para superar o mundo virtual da mesma forma que as professoras acreditam como relatam na pesquisa.

A crença dos professores em apresentar os contos de fadas com entusiasmo, constata que compreender o universo mágico e seus efeitos no desenvolvimento intelectual e emocional da criança engendrando esforços para proporcionar condições que favoreçam a integração psicológica das mesmas.

E finalmente quando as professoras acreditam nos contos de fadas com a finalidade de formar, informar, vivenciar, estão usando o momento de prazer literário como mediador e processo de construção de conhecimento, dando uma dimensão humana às habilidades e competências destinadas às séries iniciais.

A décima primeira categoria consta do posicionamento das professoras perante o trabalho com os contos de fadas, inserida nas respostas da pesquisa individual. Essencial para o desenvolvimento da imaginação na formação do certo e do errado indo além dos contos de fadas fazendo uso da reflexão (relatos das professoras 1, 2, 5, 7, 8, 9 e 10); relativo, depende de como incentivado, explorado (relato da professora 3); ligar ao lúdico (relato da professora 4); meio de alfabetizar (relato da professora 6).

As professoras, na sua maioria, acreditam que os contos de fadas são eficientes porque encantam a criança. Uma delas complementa esse encantamento com a ludicidade.

Para Ribeiro (apud SILVA, 1995, p. 10) as histórias que são encantadoras trazem informações científicas, didáticas facilitando a aprendizagem. Pode-se perceber a consonância da professora do relato 6 que acredita ser os contos de fadas um instrumento de alfabetização. A professora do relato 3 acredita que os contos de fadas para ser eficiente precisa ser visto como vai ser trabalhado. Pode-se dizer que ela se encontra em acordo com Abramovich (2002, p.143) pois essa afirma que os contos de fadas precisam oportunizar a criança para desenvolver a criticidade emitindo opiniões.

A décima segunda categoria implica nos comentários advindos da opinião das professoras com o intuito de enriquecer a pesquisa. Tem como título outras informações. Buscou-se as respostas nas entrevistas individuais e episódica.

No primeiro relato descreve-se outras informações com a finalidade do uso dos contos de fadas. Para o desenvolvimento da memória, conceitos, imaginação por ser interessante, gostosa, prazerosa, para resgatar valores (relatos das professoras 1, 2, 4, 5, 6 e 8); acha lindo a forma que a professora Selma trabalha com os contos de fadas (relato da professora 3); não acrescentou nenhum dado novo (relato da professora 7).

No resultado da entrevista episódica apenas a professora do relato 3 relatou que gostou da pesquisa, a do relato 8 lembrou que se trabalhasse contos de fadas com consciência, a do relato 6 reforçou que os livros são caros, a do relato 5 relacionou os contos de fadas com a arte, a do relato 10 considera a leitura como a melhor atividade. As repostas dos relatos 1, 2, 7 e 9 foram omissas com as contribuições, a do relato 11 acha que os alunos devem sonhar, fantasiar. A professora do relato 4 mostrando-se muito criativa e de acordo com o trabalho solicitando que se conte um conto de fadas. Foram respostas muito diversificadas.

Pode-se perceber que as professoras se dão conta do valor ético-existencial dos contos de fadas para o mundo imaginário da criança, pois as vidas das pessoas se resolvem no imaginário. Embora os contos de fadas envolva a imaginação das crianças ele relata verdades humanas.

Reconhecem esse envolvimento entre o imaginário da criança, contos de fadas e a fantasia e sua essência para o desenvolvimento sócio, afetivo e cognitivo da criança.

3.5.2.2. Resultados obtidos por meio das fotografias da “hora do conto”

Registra-se a seguir, quatro fotografias selecionadas da “hora do conto”:

Fotografia 1. Convite a toda comunidade escolar a descobrir a magia da literatura.



Fotografia 2. Primeiros espectadores, sábado (04/03), para a história:



Fotografia 3. “O caldeirão da bruxa”



Fotografia 4. “A menina bonita do laço de fita”



1ª Categoria: A Fantasia e a imaginação dos ouvintes e suas principais reações perante a narração dos contos de fadas

Constatou-se que a partir das fotografias 1 e 2, a principal reação dos ouvintes perante a narração dos contos de fadas, em relação a Fantasia e imaginação, que o mural serviu de referência para despertar a curiosidade e a expectativa da comunidade escolar, trazendo uma mensagem instigadora e desenhos criativos, levando os alunos a se organizarem com prazer e atenção, como observado também na fotografia 2, preparando-os para receber as histórias narradas com receptividade, liberdade de imaginação e momento de diversão. Foram atraídos e ao mesmo tempo, preparados para a narração dos contos de fadas propriamente dita, imaginando e fantasiando o que estava por vir.

Nas fotografias 3 e 4, registrou-se os alunos no momento em que, diante do cenário, figurino dos personagens, juntamente com a história narrada, a comoção visível em seus rostos diante a porte dos personagens, a mente totalmente envolvida, fundindo a realidade com a fantasia, por se colocarem no lugar dos personagens e identificarem sentimentos dentro de si, que perpassam a história e os aproximam dos conflitos e descobertas vivenciadas em seu imaginário.

Observou-se os alunos mergulhados na fantasia, bem quietos, pois nesse momento, esqueceram dos seus corpos, de onde estavam, expressando-se com sorrisos, aceitando a fantasia da hora do conto.

Segundo Bettelheim (1980, p.47) "no conteúdo dos contos de fadas, os fenômenos internos psicológicos recebem corpo e forma simbólica." Observando as fotografias 3 e 4, confirma-se isso, pois os alunos atentos, fantasiando e imaginando-se na história, passam a compreender melhor o mundo pela fantasia, pois ainda são incapazes de compreender respostas realistas." A fantasia passa a ser um veículo que percorre o emocional da criança, daí ocorrendo a identificação com os personagens, buscando soluções para os conflitos apresentados na história e conseqüentemente, para seus conflitos internos, desenvolvendo dessa forma, as suas leituras de mundo e sua personalidade, como apóia Bettelheim (1980, p. 32) quando ressaltou que "os contos de fadas dirigem a criança para descoberta da sua identidade e comunicação, e também sugerem suas experiências que são necessárias para desenvolver ainda mais o seu caráter".

Entende-se por Sottini (1998, p. 205) do termo fantasia: "capacidade de

imaginar, criar imagem e fatos..." que as fotografias registraram os alunos fantasiando, criando uma imagem da história, por alguns minutos, até esquecendo-se que estavam na escola.

Enfim, pode-se salientar que os alunos reagiram positivamente à hora do conto, pois deixaram a fantasia e a imaginação os guiarem por esse mundo maravilhoso.

2ª Categoria: Sentimentos que os contos de fadas despertam nos ouvintes

Na fotografia 1, já se pode encontrar sentimentos como curiosidade, ansiedade e dúvida, sendo despertados nas crianças, e como confirmado na fotografia 2, os alunos mostraram-se ansiosos, na expectativa de entrar logo na sala onde ocorreriam as histórias.

Nas fotografias 3 e 4 observou-se que os alunos foram organizados de maneira em que todos pudessem tirar proveito da história, gerando sentimento de igualdade, sentados um ao lado do outro, promovendo segurança e proporcionando a socialização.

O cenário, a caracterização dos personagens e a história narrada, estimularam inúmeros sentimentos nos alunos como medo, alegria, amor, preconceito, dó, compaixão, satisfação e muitos outros.

Verificou-se que na fotografia 3, sentimentos como alegria e graça por alguns rostos dos alunos esboçarem sorrisos. Talvez o medo e a insegurança, pôde-se observar em alguns alunos ao abaixarem a cabeça a aproximação da personagem, como se estivesse fugindo desse contato visual. Observou-se até mesmo um aluno com capuz do casaco na cabeça, como uma forma de se proteger ou se esconder de algo, talvez sentindo-se mais seguro e protegido dessa forma. Entre os alunos mais ao fundo, pode-se observar uma menina de casaco branco em cima e azul embaixo e um ursinho no meio, com olhar curioso e atento na personagem que se aproximou, aproveitando para observar todos os detalhes de sua roupa, voz ou até mesmo identificando quem estaria por debaixo daquela indumentária toda.

Nota-se também que a história foi narrada para poucos alunos de cada vez, para que houvesse conforto e silêncio, o que seria impossível com muitos

alunos. Isso também gera um sentimento de pertencer, onde evidencia-se o respeito pelo que é melhor para o aluno, dando-lhe a chance de desfrutar o momento em boas condições de espaço para isso. Dessa forma o aluno ouve melhor, relaxa o seu corpo e viaja pelo mundo da fantasia, sem ser incomodado e sem incomodar os outros.

Neste sentido, verificou-se que as histórias narradas mostraram-se dentro do critério estabelecido por Bettelheim, como mostra as fotos 3 e 4 as crianças estão voltadas para os acontecimentos da história, entretidas e curiosas para saber o que iria acontecer. Pois, Bettelheim (1980, p. 13) salientou que "para que uma história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade.

As fotografias 2, 3 e 4 mostraram o poder da fantasia, seja na expectativa antes de começar a história ou durante a narração, conforme salientou Tanouye (2005, p.10) "Ao ouvir uma história, o imaginário da criança é acionado e inconscientemente, as emoções provocadas pelos medos, frustrações, amores, desejos, sentimentos, os mais variados, atingem diretamente a camada endodérmica. Daí porque enquanto ouvem as histórias, emocionam-se com tal intensidade que têm frios na barriga e sustos."

Também, pôde-se confirmar os postudos de Cashdan (2000), Abramovich (2002) e Coelho (2005), conforme registros de suas confirmações relacionadas a seguir.

Cashdan (2000, p. 31) enfatizou que quando as crianças ouvem um conto de fadas, projetam inconscientemente partes delas mesmas em vários personagens da história, usando-os para elementos contraditórios do eu.

Abramovich (2002, p. 17) relatou que é importante que a criança ao ouvir uma história possa sorrir, gargalhar com as situações vividas pelos personagens, com a idéia do conto, ou com o jeito de escrever de um autor, sendo necessário que haja uma cumplicidade desse momento de humor, de brincadeira e divertimento. Como observado nas fotografias 2, 3 e 4, as crianças vivenciaram essas importantes etapas descritas acima por Abramovich, vivendo sentimentos por meio dos contos, de forma prazerosa e descontraída.

Em suma, pode-se dizer que os contos de fada funcionam como instrumentos para descobertas desses sentimentos dentro da criança, pois assim elas se envolvem no enredo, comovendo-se, alegrando-se, apaixonando-se, ora sentindo ódio, ora sentindo amor e esperança. Dessa forma, " estarão formando as

leituras de mundo que as ajudarão nos caminhos a serem trilhados na vida." (COELHO, 2005, p.12).

3.5.2.3. Resultados obtidos por meio da observação participante

Entende-se que as histórias infantis fazem o importante papel de mediadora do desenvolvimento infantil, tanto acadêmico quanto emocional, através delas pode-se cooperar com a transmissão de valores culturais, despertar emoções ocultas e suscitar a vontade da criança de descobrir o segredo das letras.

Sabendo do poder destas belas histórias, as pesquisadoras procuraram desenvolver ações que pudessem despertar nos educandos e educadores da Escola pesquisada o interesse pelo mundo mágico dos Contos de Fadas. Criou-se então o projeto "Quem Conta um Conto, Aumenta um Ponto".

É importante ressaltar que o projeto explorou, além do aspecto acadêmico que as histórias oferecem, também seu acervo de mensagens e valores, procurando assim formar um cidadão crítico, consciente e favorecendo o hábito da leitura, como diz Deonísio da Silva (apud FERNANDES, 2003, p.35) que "só se estabiliza no momento em que o contato das crianças com as histórias se transforma numa rotina".

O projeto envolveu 25 turmas da Unidade de Ensino, desde a Educação Infantil (06 anos) até a 4ª série do Ensino Fundamental, priorizou-se a interdisciplinaridade explorando na alfabetização palavras chaves, destaque da primeira letra/sonorização e nomeação da mesma, bingo de palavras e letras, relacionamento de aspectos da estória à aspectos da vida real, produções coletivas de textos, contagem das letras que compõe os nomes dos personagens, montagem de situações problemas envolvendo as temáticas das histórias e muito mais.

Os recursos utilizados foram: leituras de diversos textos de diferentes gêneros, apresentação de contos de fadas e fábulas com dramatizações, leituras com entonação de vozes diferenciadas, mímicas, fantoches, caldeirão de bruxas, bonecos, fantasias, dobraduras, apresentação de livros.

Destacou-se entre as histórias a da "Maricota sem dona" por ter suscitado entre os alunos um maior número de questionamentos e debates mais calorosos.

Nesta história pôde-se constatar o que Bettelheim (1980, p.78) disse sobre a criança quando se defronta com problemas e situações cotidianas que lhes

causam perplexidade. Esta é estimulada, por meio da história, a compreender o “como” e o “por que” de tais situações, e a buscar soluções.

Constatou-se isto durante algumas sessões das apresentações no qual surgiram comentários como: _”Vai se lavar preta suja !” ,_ “Sai pra lá neguinha!”, estas observações foram questionadas pelos próprios colegas, provocando reflexões sobre o assunto discriminação racial.

Os personagens interagiram com as crianças vivenciando o que Bettelheim (1980) sugeriu em sua obra, no qual afirmou-se que através dos contos, das histórias, os mesmos vivenciam sentimentos que geralmente reprimem em seu dia-a-dia. Ao ouvirem uma história as crianças tiveram a possibilidade de refletir sobre a vida, a desigualdade racial, o valor da amizade e a esperança.

Maricota contribuiu fortemente para que fosse trabalhado aspectos internos das crianças. Dohme (2000) ressaltou pontos como caráter, raciocínio, imaginação, criatividade, senso crítico, e estes aspectos foram reforçados quando se propôs debates em grupos, uns defendendo a Maricota e a igualdade racial e outros acusando-os, ou seja, defendendo a posição preconceituosa de algumas pessoas.

Segundo Oliveira (2005), é no encontro com a literatura que os homens têm a oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida . Nesse sentido, a história “Maricota sem dona” apresentou-se não só veículo de manifestação de cultura, mas também de ideologias registradas em produções de textos carregadas de sentimentos de igualdade. Ao sentir o drama vivido por Maricota, rejeitada por ser negra, os alunos concluíram que o preconceito é um mal que deve ser extinto, dando ao projeto um significado especial.

Além destes aspectos transversais importantes para uma educação interdisciplinar, atrelou-se a história aos conteúdos como: matemática, geografia, história, português, estimulando o desejo de ler, favorecendo a compreensão das formas de expressão oral, escrita e seqüência narrativa dos fatos.

Reafirmando o que Garcia (2003) disse sobre o verdadeiro tesouro de histórias que abre as portas do imaginário, fazendo com que o aprendizado seja um momento rico e prazeroso, propôs a confecção da personagem em biscuit, produções de texto em grupos, jogos com palavras chaves, e um grande livro coletivo chamado : “Maricota em viva as diferenças!”.

Este livro marcou a culminância do trabalho com esta história. Nele explorou-se o ser único, com algumas necessidades coletivas (amor, paz, união...) e

foi possível refletir e concretizar tais idéias pelo fato dos alunos terem vivenciado situações reais durante a narração da história.

Dohme (2000) disse que a criança é incapaz de raciocinar no abstrato. Assim, virtudes, maus hábitos, defeitos, são melhor entendidos se tiver um referencial capaz de associar a estas questões de comportamento .

Em última análise, pode-se dizer que as histórias ensinaram a criança a crescer e a pensar. Ressalta-se o grande impacto que esta forma de ensinar obteve perante os educandos, todos demonstraram grande entusiasmo durante os dias da semana, esperando as novidades referentes a história que ouviram, então atribuí-se esta expectativa “porque ao ouvirmos uma história temos a possibilidade de refletir sobre nossos sentimentos”.(GARCIA, 2003) .

Procurou-se desenvolver, entre uma história e outra, jogos interdisciplinares que trouxessem mensagens, mas que fossem alegres e divertidos. Neste contexto lúdico pode-se exemplificar com o caminho encantado e eleição do novo nome da boneca Maricota, que foi Roberta Maricota.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

Durante muito tempo os Contos de Fadas foram esquecidos, desprezados e banidos sob a alegação de “irreais”, “falsos”, entretanto, para as crianças são o que há de mais real, algo que lhes fala, em linguagem acessível, do que é significativo em seu interior.

Entender o impacto destas histórias no desenvolvimento acadêmico e do imaginário infantil foi o eixo norteador desta pesquisa e qual as conseqüências deste exercício literário na qualidade de ensino o ponto crucial a ser atingido.

Estabeleceu-se como metodologia a pesquisa-ação, pois através dela a intervenção a procura de soluções seria possível.

Através da vivência profissional das pesquisadoras envolvidas, detectou-se o problema da banalização dos Contos de Fadas por muitos educadores atuais e a desinformação generalizada do tema.

Após intenso estudo bibliográfico acerca dos Contos de Fadas, foi proposto ao grupo de professores da Escola pesquisada o desenvolvimento do projeto: “Quem Conta um Conto, Aumenta um Ponto”, cujas ações giraram em torno da apresentação de várias histórias maravilhosas em forma lúdica, mágica, prazerosa, possibilitando ser observado as reações dos educandos e educadores e a utilização dos mesmos como mediadores do processo ensino-aprendizagem como um todo.

O projeto foi desenvolvido de forma contínua, possibilitando que concluísse o seguinte:

- os professores, apesar de saberem da importância dos contos de fadas, não utilizam os mesmos em suas salas de aulas de forma espontânea, isolando-os de todo os conteúdos curricularmente exigidos tornando-os enfadonhos e chatos;
- as crianças por sua vez demonstraram que os contos de fadas fazem parte de seu mundo interior de forma forte e significativa, os educandos vivem os dramas dos personagens e transferem para os mesmos seus dramas pessoais, buscando soluções felizes nos desfechos otimistas destas histórias;

- os educandos apresentam maior rendimento acadêmico quando os conteúdos são associados as histórias de maneira interdisciplinar, dando significado aos novos conceitos antes estanhos do que viveram;
- os educadores apreciam os momentos de histórias tanto quanto seus pequenos alunos, confirmando que as mesmas atingem a maioria das faixas etárias, basta serem bem contadas;
- é urgente a necessidade de se resgatar a tradição escolar e familiar de se contar Contos de Fadas para as crianças, pois é através desta transmissão oral que se preserva a cultura universal de valores importantes para a manutenção de uma sociedade saudável.

Portanto, é certo afirmar após análise dos resultados dessa pesquisa-ação empreendida que o caminho dos Contos de Fadas é válido, este contribui na construção do imaginário com valores de comportamento, hábitos, sentimentos e atitudes, tudo por meio da literatura e da atitude de acreditar em uma educação de qualidade.

Enfim, pode-se dizer que a escola pesquisada aplica os conhecimentos da técnica de contar histórias, pois já faz parte de seu cotidiano escolar o projeto “Quem Conta um Conto, Aumenta um Ponto”.

Neste sentido, as pesquisadoras parabenizam o empenho da professora contadora de histórias que tem conseguido atingir todos os seus alunos com tanto brilhantismo.

Para tanto, recomenda-se que os contos de fadas sejam explorados mais, na sua potencialidade, fazendo uso da interdisciplinaridade, dos temas transversais em todas as escolas de séries iniciais do Ensino Fundamental.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil - Gostosuras e Bobices**. 5 ed. São Paulo: Scipione, 2002.
- BAUER, Martin W. e GASKELL, George. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som**. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- BENCINI, Roberta. **Era uma vez ... O Maravilhoso mundo dos Contos de Fadas e seu poder de formar leitores**. Revista Nova Escola. São Paulo. Setembro, 2005.
- BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fada**. 9.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BORTOLIN, Sueli. **Os Contos de Fadas e os 200 anos de Andersen** [on line]. Disponível em : <http://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo_print.php?cod=223> . Capturado em 09/03/2006.
- CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. **A literatura Infantil: Visão Histórica e Crítica**. 4.ed. São Paulo: Global, 1985.
- CASHDAM, Sheldon. **Os 7 Pecados Capitais nos Contos de Fadas: como os contos de fadas influenciam nossas vidas**. Rio de Janeiro. Campus, 2000.
- COELHO, Nelly Novaes. **O Conto de Fadas – O Imaginário Infantil e a Educação**. Revista Criança. MEC. Brasília. Janeiro, 2005.
- CURY, Augusto Jorge. **Pais Brilhantes Professores Fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- DOHME, Vânia D'Angelo. **Técnicas de Contar Histórias**. São Paulo: Informal, 2000.
- FERNANDES, Dirce Lorimier. **A literatura infantil**. São Paulo: Loyola, 2003.
- FLICK, Uwe. Tradução de Sandra Netz. **Uma Introdução à Pesquisa Qualitativa**. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- GARCIA, Walkíria. **Baú do Professor: Histórias e Oficinas Pedagógicas**. Belo Horizonte: FAPI, 2005.
- MALLET, Carl Heinz. **A Magia dos Contos de Fadas**. Revista Seleções. São Paulo. Agosto, 1999.
- MARANDOLA, Áurea da Cunha, JÚNIOR, Eduardo Marandola. **Conversando e Contando: Histórias Recriando Lugares – Geografia, Literatura e Educação Infantil**. Revista Criança. MEC. Brasília. Janeiro, 2005.

OLIVEIRA, Cristiane Madanêlo de. **Estudos das Diversas Modalidades de Textos Infantis** [on line]. Disponível em : <<http://www.graudez.com.br/litinf/textos.htm>> . Capturado em : 17/09/2005.

VIEIRA, Isabel Maria de Carvalho. **O Papel dos Contos de Fadas na Construção do Imaginário Infantil**. Revista Criança. MEC. Brasília. Janeiro, 2005.

SILVA, Adriana Vera e. **Ensinando tudo com Histórias**. Revista Nova Escola. São Paulo. N° 90, ano X. Dezembro, 1995.

TANOUE, Mariuza Pregolato. **A importância dos Contos de Fadas na Formação da Personalidade**. Disponível em <[www. Psicopedagogia. Com.Br/artigos/artigo.asp?entrID=685](http://www.Psicopedagogia.Com.Br/artigos/artigo.asp?entrID=685)> . Capturado em 13/03/2006.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa – ação**. 4ed. São Paulo: Cortez, 1988

URBAN, Paulo. **Psicologia dos Contos de Fadas** [on line] . Disponível em : <http://www.amigodaalma.com.br/conteudo/artigos/contos_fadas.htm> . Capturado em 09/03/2006.

APÊNDICE

APÊNDICE 1

ENTREVISTA INDIVIDUAL

Tópico Guia

- O que vem à mente quando você pensa em Contos de Fadas?
- Os Contos de Fadas influenciam na formação da personalidade? Por quê?
- O mundo encantado dos Contos de Fadas ajudam as crianças a lidarem com os temores do mundo real, pois elas projetam seus receios e desejos nos personagens e incidentes das histórias. Comente
- Segundo o psicanalista Bruno Bettelheim, os Contos de Fadas passam a mensagem de que na vida é inevitável termos de nos deparar com dificuldades, mas que, se lutarmos com firmeza e compartilharmos com os outros, nossas angustias e sonhos, será possível vencer os obstáculos e alcançar a vitória. Comente sua compreensão
- Concordas que os Contos de Fadas funcionam como instrumentos para a descoberta de sentimentos como ódio, inveja, ambição, rejeição, frustração, alegria, coragem, compaixão, na vida da criança?
- Muitos pais se perguntam se deve ou não contar Contos de Fadas pra a criança. Os preocupa se lhe fará mal tal ou qual passagem horrenda, pois, no conto se relatam acontecimentos cruéis que poderiam perturbar a inocência da criança. No seu ponto de vista, os pais devem ou não contar as histórias dos Contos de Fadas para as crianças? Porquê
- Qual a importância do maravilhoso na leitura infantil?

- Como você descreveria a fantasia que envolve os Contos de Fadas quando o escutamos para alguém que não teria passado por isso antes?
- Você trabalha com os Contos de Fadas em sua sala de aula? Como?
- Diante desta ponderações sobre os Contos de Fadas qual o seu posicionamento perante o trabalho com os Contos de Fadas?
- Há algo mais que você gostaria de me dizer?

APÊNDICE 2

ENTREVISTA EPISÓDICA

Nesta entrevista, eu irei lhe pedir várias vezes que conte situações em que você teve certas experiências com os Contos de Fadas.

- O que significa Contos de Fadas para você? O que você associa com a palavra Contos de Fadas?
- Quando você olha para o passado, qual foi sua primeira experiência com os Contos de Fadas? Poderia, por favor, falar sobre isto?
- Qual foi sua experiência ou contato mais importante com os Contos de Fadas? Poderia, por favor, falar-me desta situação?
- Se você pensa em histórias infantis, que papel os Contos de Fadas desempenham neste contexto para você? Fale-me sobre uma situação típica que exemplifique sua resposta.
- Na sua opinião, quem deveria ser responsável pela transmissão dos Contos de Fadas para as crianças? Quem é capaz de assumir a responsabilidade, ou deveria assumi-la?
- Como você vê no futuro a transmissão dos Contos de Fadas para as crianças? Por favor imagine esta situação e exemplifique para mim.
- Você quer acrescentar algo mais sobre os Contos de Fadas que poderia elucidar seu ponto de vista sobre o assunto?

Fases da Pesquisa	Mês de Fevereiro					Mês de Março					Mês de Abril				Mês de Maio					Mês de Junho					
	1 ^{as}	2 ^{as}	3 ^{as}	4 ^{as}	5 ^{as}	1 ^{as}	2 ^{as}	3 ^{as}	4 ^{as}	5 ^{as}	1 ^{as}	2 ^{as}	3 ^{as}	4 ^{as}	1 ^{as}	2 ^{as}	3 ^{as}	4 ^{as}	5 ^{as}	1 ^{as}	2 ^{as}	3 ^{as}	4 ^{as}	5 ^{as}	
	01/04	05/11	12/18	19/25	26/28	01/04	05/11	12/18	19/25	26/31	02/08	09/15	16/22	23/29	01/06	07/13	14/20	21/27	28/31	01/03	04/10	11/17	18/24	25/30	
1 ^a Fase Definição do tema e pesquisa bibliográfica		X																							
2 ^a Fase Elaboração do projeto de pesquisa			X	X	X																				
3 ^a Fase Construção do referencial teórico (Fundamentação)						X	X	X	X	X	X														
4 ^a Fase Elaboração e aplicação dos instrumentos de												X	X	X	X	X	X	X							
5 ^a Fase Organização, análise e discussão dos dados																		X	X	X					
6 ^a Fase Construção final da monografia																					X				
7 ^a Fase Entrega da monografia																							X		

